

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS

MARINA ELIAS GUIDI

PREPOSIÇÕES DE UMA ARTISTA-PROFESSORA

CRICIÚMA

2019

MARINA ELIAS GUIDI

PREPOSIÇÕES DE UMA ARTISTA-PROFESSORA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Ma. Izabel Cristina Marcilio Duarte

CRICIÚMA

2019

MARINA ELIAS GUIDI

PREPOSIÇÕES DE UMA ARTISTA-PROFESSORA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com linha de Pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura, UNESC.

Criciúma, 29 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Izabel Cristina Marcilio Duarte – Mestra em Educação – (UNESC)
Orientadora

Prof. Alan Figueiredo Cichela – Mestre em História, Teoria e Crítica – (UFRGS)

Prof.^a Daniele Cristina Zacarão – Mestra em Artes Visuais – (UDESC)

Dedico esta escrita ao tempo.

AGRADECIMENTOS

Esta queda para a qual você está caminhando é um tipo especial de queda, um tipo horrível. O homem que cai não consegue nem mesmo ouvir o baque do seu corpo no fundo. Apenas cai e cai. A coisa toda se aplica aos homens que, num momento ou outro de suas vidas, procuram alguma coisa que seu próprio meio não pode lhes proporcionar. Ou que pensavam que seu próprio meio não poderia lhes proporcionar. Por isso, abandonam a busca. Abandonam a busca antes de começá-la de verdade.

O apanhador no Campo de Centeio.

Agradeço a esta queda maravilhosa.

Agradeço à vida por não fazer sentido, o que acaba tornando-a tão bela e divertida.

Em caminhos deprimentes, ora, caminhos extraordinários.

Agradeço às pessoas que aqui, não citarei nomes.

Eu sei que quem sabe vai se sentir agradecido.

Agradeço a FNORD.

Agradeço, agradeço, agradeço...

de tanto pensar nessa palavra ela acabou se tornando estranha para mim. Então, desde já, agradeço!

“Temos a arte para não morrer da verdade”

NIETZSCHE, Friedrich

RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito, refletir acerca da profissão artista-professor de Arte pensando na sua relevância enquanto sujeito-docente, na prática e na construção do olhar estético-crítico diante do corpo-social do outro (aluno). Tomo como base teórica autores como: Neide Campos, Fayga Ostrower, Paulo Freire e Susanne Langer; para dialogar com a pesquisa que se move a partir da problemática que aqui se manifesta, parte de alguns questionamentos que vem me sondando quanto a presença de um artista-professor, o quanto este enriquece a vivência do aluno proporcionando-lhes a construção de um olhar estético-crítico? Busco também refletir a respeito da experiência enquanto vivência escolar, como uma possibilidade para o sentir. A referida pesquisa apoia-se na perspectiva metodológica artográfica, de caráter bibliográfico contendo pesquisas de campo. Carrego muito de mim e de meus trabalhos artísticos sobre minhas referências e o que me trouxe até aqui. Com isso, pretendeu-se também debater sobre o ser artista-professor de Arte e sua relevância no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Artista-professor. Olhar estético-crítico. Arte. Experiência. Sensível.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 Arte Introdutiva do capítulo 1. Meg. Colagem. 2018.....	11
Imagem 2 <i>The Dark Side of the Moon. Pink Floyd. 1973</i>	13
Imagem 3 <i>Wish You Were Here. Pink Floyd. 1975.</i>	14
Imagem 4 Nós Estamos Trabalhando Agora. 2019.....	17
Imagem 5 Desenhos no <i>Sketchbook</i> . 2017.	18
Imagem 6 Desenhos no <i>Sketchbook</i> . 2017.....	19
Imagem 7 Desenhos no <i>Sketchbook</i> . 2017.....	19
Imagem 8 Lucas Beaufort. Fotografia e Desenho. 2015.	21
Imagem 9 Lucas Beaufort. Fotografia e Desenho. 2015	22
Imagem 10 Franciscoskt. Fotografia e Desenho. 2013.	23
Imagem 11 Banda Lamutes	24
Imagem 12 Banda Elton Jones	24
Imagem 13 Arte Introdutória do capítulo 2. Meg. Colagem. 2015	27
Imagem 14 Arte Introdutória do capítulo 3. Meg. Colagem. 2018	31
Imagem 15 Arte Introdutória do capítulo 4. Meg. Colagem. 2018	44
Imagem 16 Arte Introdutória do capítulo 5. Meg. Desenho. 2016	48
Imagem 17 Fotografia da série “Corpocidade”	54
Imagem 18 Visto Livre.....	54
Imagem 19 Visto Livre.....	55
Imagem 20 CÉU-TERRA	55
Imagem 21 Fundação BADESC “CÉU-TERRA”. Florianópolis.	56
Imagem 22 Barqueiros do Rio Jacuí	56
Imagem 23 Arte Introdutória do capítulo 6. Meg. Colagem. 2019.	57
Imagem 24 Arte Introdutória do capítulo 7. Meg. Colagem. 2019.	61
Imagem 25 Arte Introdutória do capítulo 8. Meg. Colagem. 2015.	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CD	<i>Compact Disc</i>
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EP	<i>Extended Play</i>
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
SESC	Serviço Social do Comércio

Sumário

1 O LAGO.....	12
2 FLUXOS E REFLUXOS.....	28
3 ME VI NO LAGO.....	31
4 SAIR DO LAGO.....	45
5 PONTOS DE ENCONTRO.....	49
6 CONEXÕES.....	58
6.1 EMENTA.....	58
6.2 CARGA HORÁRIA.....	58
6.3 PÚBLICO ALVO.....	58
6.4 JUSTIFICATIVA.....	58
6.5 OBJETIVOS.....	59
6.5.1 OBJETIVO GERAL.....	59
6.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	59
6.6 METODOLOGIA.....	59
6.7 REFERÊNCIAS DO PROJETO.....	60
7 O SOL.....	62
8 OBJETOS DE USO.....	65
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA.....	67

A Lua



o que é diferente
do ingerido em grandes
des. Pois, como sabemos,
e grelhada não engorda,
boi inteiro grelhado engorda,
to! Cada elemento que ingeri-
mos contém um certo número de
unidades que, infelizmente, são in-
corrigivelmente somadas assim
e não será melhor

ou a grelha
lina seja pro-
dose suíçie
aditar inq

Ruído, ruído contínuo
sons, choque, vestígios
Estrutura = corpo.

1 O LAGO

“Estava pensando para onde iam os patos quando o lago fica todo gelado, se alguém ia lá com um caminhão e os levava para um jardim zoológico ou coisa que o valha, ou se eles simplesmente iam embora.”

O apanhador no campo de centeio

Estive refletindo de que forma poderia me colocar nessa escrita, se alguém iria se interessar, ou se iam apenas folhear as páginas na certeza de que chegariam no final, ou até mesmo, se simplesmente ignorariam o fato dessa escrita existir. Bom, não me importa muito, afinal, assim como os patos, sigo sendo dúvida, sigo existindo, mesmo poucos sabendo como se ocorre a minha existência.

E para mim? Penso que, os patos não são pegos por um caminhão ou coisa que valha, para mim, os patos mergulham profundamente, basta o lago começar a congelar e lá se vão os patos... mergulhando, mergulhando... a fim de encontrar algo? Não! Os patos mergulham em direção ao novo, o desconhecido... o intuito, é apenas descobrir.

No decorrer de minha escrita faço muito o uso de trechos do livro *“O Apanhador no Campo de Centeio”*¹ (1951), escrito por J.D. Salinger, pauto algumas expressões corriqueiras do personagem principal do livro, o jovem Holden Caulfield. Vocábulo como: *no duro; juro; e cem por cento*, são um dos que me aproprio para a criação deste texto. Muito memorável pelas suas angústias descritas ao longo do livro e pelo jeito cínico e rebelde que ele transpassa ao longo de sua narrativa. Um romance que para mim pode ser chamado de melancólico e muitas vezes trágico.

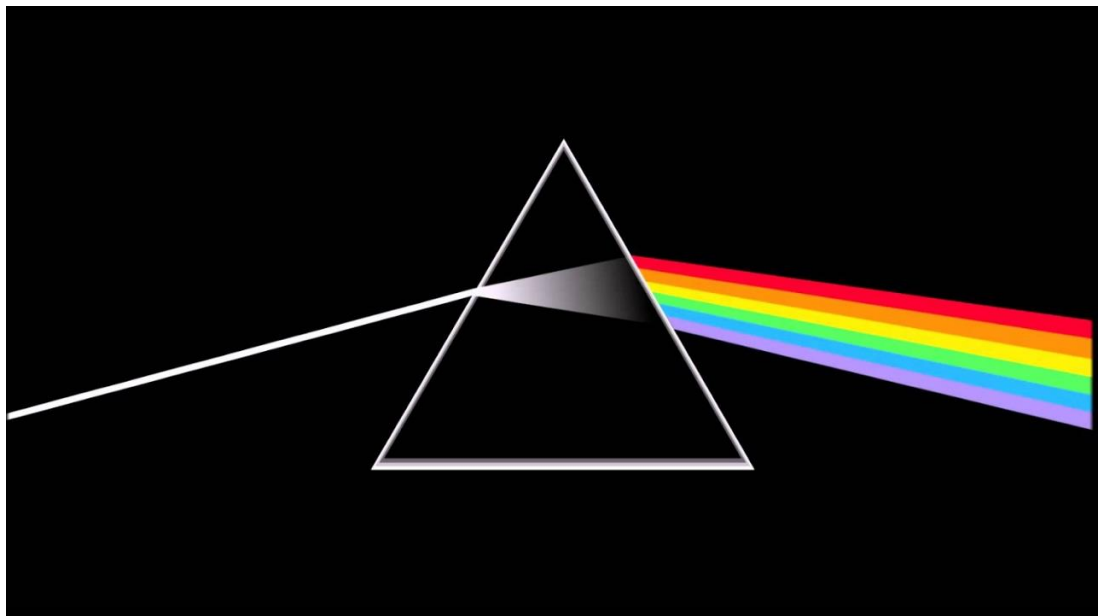
Recordo-me que aos quinze anos morava somente com a minha mãe, uma mulher muito especial para mim, uma amiga de verdade, que sempre caminhou comigo e se mostrou presente ao meu lado. Posso dizer que ela me ensinou a mergulhar, mesmo que indiretamente, ela me permitiu mergulhar e jamais esquecerei disso, da experiência e da experimentação do novo.

¹ Foi uma série de pequenas publicações entre os anos de (1945-1946) e em 1951 lançou como livro, contendo diversas edições lançadas até então.

Pronta para escolher alguma direção em meio a minha adolescência, resolvi mergulhar. Sem pretensão alguma, fui direto para o “mundo da arte”, dizendo assim parece clichê, né?! Porém, algo interior me fez tomar essa decisão, de querer mergulhar ao encontro da arte. Minhas inspirações sempre foram capas de discos ou de CDs. Nunca tive muitos em mãos, apenas apreciava capas desses materiais pela tela do computador ou por uma vitrine de loja.

Ao pensar nesses discos, uma capa da qual sempre me recordo, pois me chamou muita atenção e fez meus pensamentos e ideias viajarem por ela foi a da banda *Pink Floyd*², com o disco *The Dark Side of the Moon*.³ De fato, é uma capa de disco muito marcante e mercantilizada através de roupas, acessórios, objetos e outros, porém, a vejo sempre com muito entusiasmo. A parte direita do triângulo, ou seja, a colorida, ainda faz parte de algumas produções que realizo, não a parte em si, mas a referência que trago das cores (arco-íris) e da forma também.

Imagem 02 *The Dark Side of the Moon*. *Pink Floyd*. 1973



Fonte: <https://i.ytimg.com/vi/-EzURpTF5c8/maxresdefault.jpg>

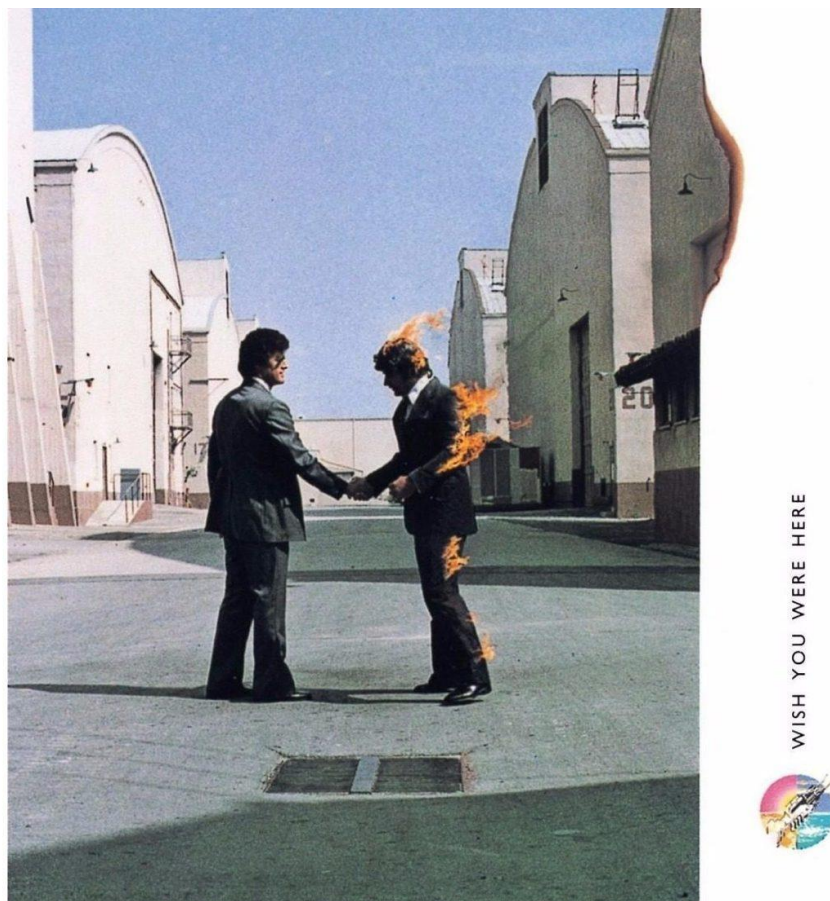
² *Pink Floyd*, foi uma banda britânica de rock, formada em Londres em 1965, que atingiu sucesso internacional. Seu trabalho foi marcado pelo uso de letras filosóficas, experimentações musicais, encartes de álbuns inovadoras e shows elaborados. Chegando ao seu fim em 2014.

³ *The Dark Side of the Moon* é o oitavo álbum de estúdio da banda britânica de rock progressivo *Pink Floyd*, lançado em 1 de março de 1973.

Outra capa de disco que me instigou muito, da mesma banda por sinal, foi *Wish You Were Here*⁴, a qual estão dois homens, trajados com um terno preto, com ambos apertando as mãos um do outro como forma de um trato feito. O que mais me chama atenção é um dos homens pegando fogo, previsível? Talvez, mas a forma pela qual foi produzido e como colocaram isso em uma capa de um disco atribuiu curiosidade em mim.

Encantada com o mundo das artes que preenchiam as capas de CDs e discos comecei a produzir colagens sem propósito algum, eram feitas ou por um aplicativo gratuito que eu tinha no celular ou feitas à mão, a famosa colagem analógica, onde você só precisa de folhas, revistas, tesouras, colas, o que mais achar legal e criativo, para realização de diversas experimentações.

Imagem 03 *Wish You Were Here*. Pink Floyd. 1975



Fonte: https://http2.mlstatic.com/cd-pink-floyd-wish-you-were-here-nacional-D_NQ_NP_751775-MLB31675958061_082019-F.jpg

⁴ *Wish You Were Here* é o nono álbum de estúdio da banda britânica de rock progressivo *Pink Floyd*, lançado em setembro de 1975.

Logo após o encerramento do meu ensino médio, seguia com dúvidas sobre qual percurso formativo optar. Sempre estudei em escola pública e minhas aulas eram imprevisíveis, lembro que volta e meia algum professor não poderia comparecer ou faltavam materiais precisos para o decorrer das aulas.

Hoje percebo com mais facilidade a fragilidade que o ensino público carrega, falando-se de utensílios precisos para a realização de aulas e estruturas. Recordo-me das minhas aulas de artes, desde o ensino básico, ensino fundamental e ensino médio, minhas produções se baseavam em desenhar algo sobre o final de semana ou fazer a releitura de uma obra de arte.

Me recordo até hoje de uma experiência que obtive durante o ensino fundamental, havia uma professora que ao receber trabalhos já coloridos e esses mesmos estivessem pintados de maneira mais suave/fraca ela questionava: *Seus desenhos estão com anemia?* Na época soava engraçado e ao mesmo tempo traumático para uma criança do ensino fundamental, porém, apesar dos pesares sempre tive muito carinho pelas minhas professoras de artes, pois eu me interessava e sentia que o que estava sendo passado era importante para a minha formação e visão de mundo.

Agora, me graduando em Artes Visuais – Licenciatura, consigo compreender que sim, mesmo que as minhas aulas de artes no ensino básico, fundamental e médio eram restritas a releituras e pinturas tradicionais, se fizeram em minha vida como experiências e vivências. Encaro hoje como algo necessário, algo que pude olhar para trás e repensar que também pude tirar proveito dessa incessante rotina, pois sei que tirei. Então agradeço às minhas professoras de artes. Indiferentemente do que nos apresentavam como conteúdo, agradeço por sempre me propiciarem experiências, sejam elas construtivas ou não, são elas que me movem a me construir diferente enquanto artista-professor. Obrigada!

Resolvi realizar a prova do ENEM com a intenção de cursar Design Gráfico, o qual me despertava muito à atenção por interagir com aquilo que eu gostava, que era criar. Me inscrevi para o ENEM no curso de Design Gráfico pela UDESC e, pela bolsa PROUNI no curso de Artes Visuais – Licenciatura pela UNESC. Não havia obtido aprovação que fosse suficiente para o curso de Design Gráfico, desse modo, acabei por me sentir deprimida no começo, mas logo após saiu o resultado da bolsa PROUNI e eu tinha passado para Artes Visuais – Licenciatura.

Não acreditava que finalmente eu iria cursar uma graduação. Iniciei o curso no ano de 2016 e minhas primeiras impressões foram maravilhosas, me sentia acolhida e com a certeza de que estava no lugar certo, pois além de admirar minhas professoras e professores eu admirava meus colegas que, logo em sequência se tornaram amigos. E posso dizer que até hoje me sinto assim, acolhida e querida por todos.

No início, através das minhas disciplinas na graduação em Artes Visuais pude perceber a mudança dos meus conceitos sobre a arte. Minhas descobertas pessoais e coletivas, minha visão de mundo e sociedade foi se modificando, minha interação com o espaço em que habito e com as pessoas que socializo, as novas percepções, noções sobre o mundo artístico e suas considerações.

No decorrer do curso, pude aproveitar muitas oportunidades que atravessaram meu caminho. Atuei como ministrante de oficinas de colagem e lambe-lambe num espaço acolhedor, a famosa sala Edi Balod⁵ lugar de muita estética e ideias perambulantes. Essas propostas de oficinas foram só possíveis graças a artista-professora, a qual tenho muito carinho, Daniele Zacarão.

Também nesse mesmo ambiente, participei da exposição “*Nós estamos trabalhando agora*” resultado do projeto Pretexto, promovido pelo SESC (Serviço Social do Comércio), durante os meses de março e abril de 2019, a artista e curadora Kamilla Nunes, juntamente com Daniele Zacarão abriu um espaço amplo e de experiências únicas, colocando-nos a pensar sobre arte e sobre curadoria. Como resultado de pesquisas e discussões, surgiu a proposta desta exposição dinâmica, híbrida e comunicativa com o público. Essa prática, esse convívio me proporcionou um olhar que antes eu não tinha. Um olhar aberto e investigativo para curadoria, exposições e processos artísticos. Além desse projeto, participei de outras oficinas, as quais me proporcionaram diversas experiências e sensações, outras exposições feitas em coletivo e muitas apreciações de exposições.

⁵ Espaço de arte localizado no interior da instituição UNESC.

Imagem 04 Nós estamos trabalhando agora. 2019.



Fonte: <http://www.unesc.net/portal/aicom/blog/44942-sala-edi-balod-recebe-exposicao-nos-estamos-trabalhando-agora->

Viagens para São Paulo e Curitiba com o intuito de visitação a bienais e museus, sempre acompanhada de meus colegas, amigos e professores, contribuiu muito para a ampliação de minhas ideias, para formas diferentes e divergentes de ver o meio/espço, para conhecimentos múltiplos e vivências diversas.

Atuei em estágios, realizando projetos para atividade em sala de aula, o qual me proporcionou uma experiência muito real do que é ser professor de artes em sala de aula. Participei do projeto Residência Pedagógica com auxílio da bolsa do CAPES, uma experiência interdisciplinar entre três cursos de licenciatura: Letras, História e Artes, que consiste em elaborar projetos para atuação em sala de aula, três níveis diferentes: educação básica, ensino fundamental e ensino médio.

Ao longo dos encontros com todos os alunos(as) e professores(as) orientadores para esse projeto, pude perceber o quão rico e necessário foi trocar experiências, vivências, ideias, discussões necessárias com integração de todos os grupos. Durante minha formação tive a oportunidade exercer função como estagiária em um estágio não-obrigatório, trabalhando na escola E.E.B Waldemar Casagrande no município de Forquilha.

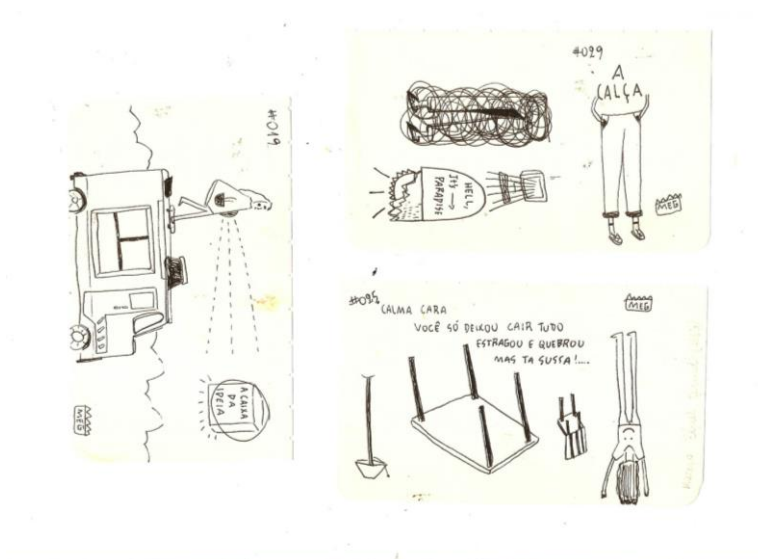
Em ambiente escolar diariamente, criei alguns laços e aprendi na rotina o quão importante é o papel do professor em sala de aula, seja ele na formação pedagógica e na formação de artes visuais. A cada passo dado dentro do curso fui construindo novos olhares e novas opiniões, conhecendo cada vez mais o outro e como eles se

sucedem na sociedade. Conhecendo-me cada vez mais, como me coloco e como posso me colocar diante da vida social, e principalmente profissional.

No início deste texto expus sobre algumas referências que tive desde nova. Já naquela época, me sentia instigada a pesquisar sobre conteúdos que fomentariam minha noção de pensamento e criatividade. No começo do curso, conheci os tão famosos *sketchbooks*⁶, ou diários de bordo. Esse pequeno objeto que muitas vezes de bolso, foi essencial para mim. Algo extraordinário eu diria. Agradeço a esses caderninhos por me fazerem me interessar *cem por cento* por desenhos e não poderia deixar de agradecer ao professor Alan Cichela também, por ter introduzido esses elementos em suas aulas.

Além dos desenhos, amparo-me nestes objetos para escrever alguns pensamentos, sejam eles bobos ou não, e, sobre aquelas linhas ou folhas sem pautas me permito criar um mundo só meu, que porventura, alguém poderia visitar.

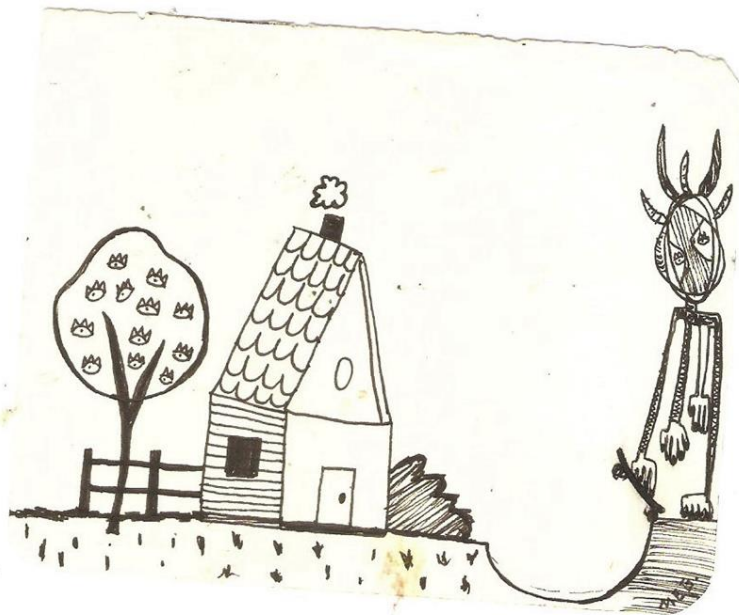
Imagem 05 Desenhos no *sketchbook*. 2017.



Fonte: Acervo da pesquisadora

⁶ Cadernos de desenhos, esboços e outros.

Imagem 06 Desenhos no *sketchbook*. 2017.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Imagem 07 Desenhos no *sketchbook*. 2017.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Na universidade, me propus a mergulhar em artigos que fundamentariam a estética que eu produzia ou seguia. Para mim, imagens, referências e comprometimento com as produções artísticas sempre foi e sempre serão essenciais. Esse exercício de cavar ou mergulhar, vai depender se você estiver dentro ou fora do lago, para achar referências se faz muito importante e necessário para mim, isso é certo.

Acredito que toda pessoa que trabalha com arte tem suas referências, o que não faz dessa pessoa um alguém que plagia, pois, ao consumir algo que possa ser referência para você, seus trabalhos e seu olhar para novas possibilidades acaba se construindo para novas experimentações, o que faz disso um ponto positivo, *no duro!*

Dissertando um pouco mais sobre minhas influências, acredito muito que minhas estéticas de criação são baseadas com a arte do *skate*, não as manobras, mas sim a vivência cultural que o *skate* proporciona e a apropriação da estética do *skate* para a criação de trabalhos artísticos. Foi nesse momento que destrinchei minhas vontades em relação as colagens.

Sem vontade de voltar para a beira do lago a fim de respirar um pouco, eu ansiava por poder apreciar novas imagens, novos trabalhos artísticos, aqueles que te pendem e tiram sua paz, sabe? Com isso, encontrei navegando pela internet o artista Lucas Beaufort nascido em Cannes na França. Ele utiliza de fotografias onde skatistas estão mandando manobras como material para a criação de sua produção artística. Ele cria desenhos de personagens próprios, com uma aparência fofinha e divertida. Aquele tipo de trabalho que você tem vontade de comer, que é aconchegante e feliz.

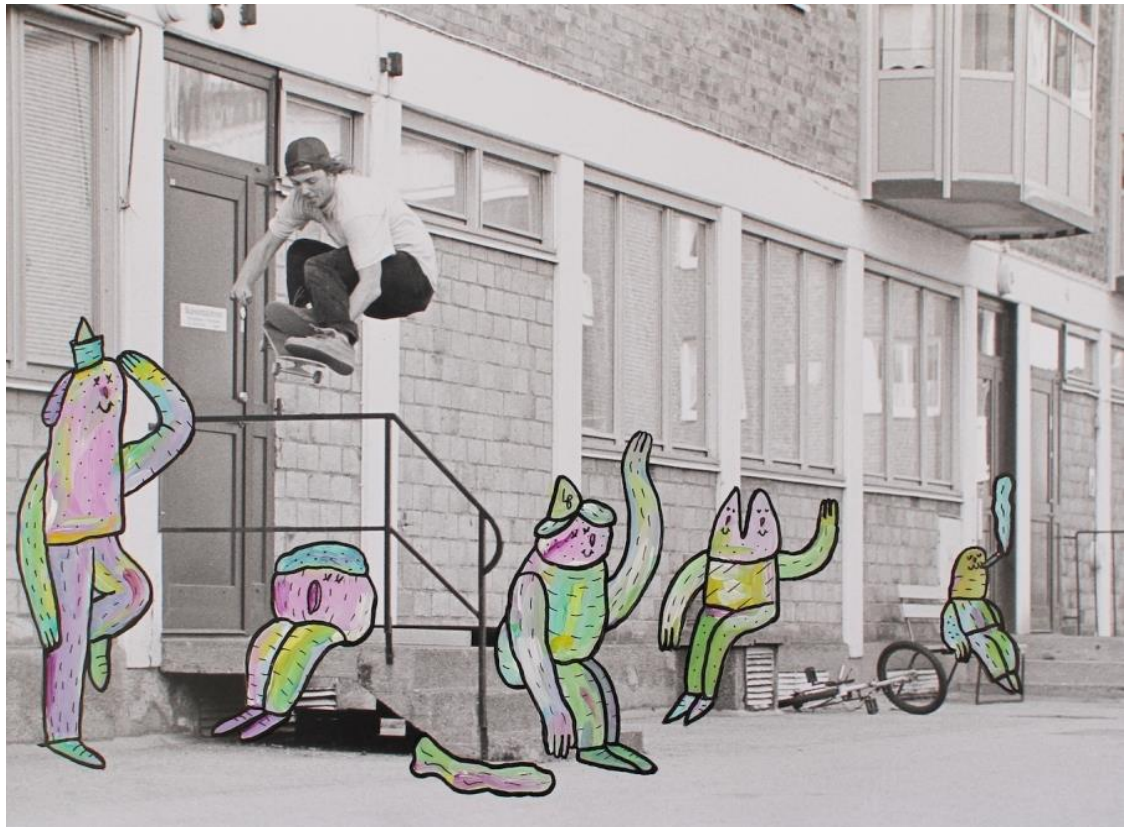
Posso dizer com toda certeza que ele foi um dos primeiros artistas a me proporcionar uma experiência visual muito satisfatória. Assim como o artista Franciscoskt, no qual posso dizer que se tornou um grande amigo. Nascido em São Paulo, utiliza das suas próprias fotografias para intervenções de desenhos produzidos por ele. Diferente de Beaufort, Franciscoskt interage com fotos do cotidiano, mais precisamente com pessoas nele, fazendo dessas pessoas seus próprios personagens.

Em uma das minhas idas a São Paulo pude conversar com Franciscoskt e conhecer alguns pontos de São Paulo, lembro que na minha primeira viagem para lá, em 2016, ele me levou em um estúdio de produção de adesivos e lambe-lambe e me

chamou muito atenção por que o lugar estava fechando as portas, assim tive a oportunidade de poder pegar alguns adesivos que restavam lá.

Detalhes simples de uma viagem, eu sei, mas certamente me propiciou uma experiência, não só física, mas visual e estética e, por isso eu tenho certeza de que valeu muito.

Imagem 08 Lucas Beaufort. Fotografia e desenho. 2015



Fonte: <http://amadeusmag.com/blog/dreaming-in-color-a-conversation-with-french-illustrator-lucas-beaufort/>

Imagem 09 Lucas Beaufort. Fotografia e desenho. 2015.



Fonte: <http://www.fubiz.net/en/2016/12/28/creative-skating-pictures-by-lucas-beaufort/>

Imagem 10 Franciscoskt. Fotografia e desenho. 2013.



Fonte: <https://twitter.com/franciscoskt>

Isso tudo me proporcionou um dos trabalhos mais felizes da minha vida. E foi então em 2016 que, pude realizar um dos meus ditos “sonhos”, produzi a capa de um EP⁷ para uma banda do Rio De Janeiro chamada *Lamutes*. Me recordo de utilizar elementos do meu dia a dia para a produção da colagem. Para isso, utilizei materiais como: um papel, barbantes, bituca de cigarros, sedas, tampinhas e outros elementos.

Para finalidade do meu trabalho eu escaneei a colagem e enviei para a banda e tive um feedback que me alegrou muito. Nesse momento eu estava *cem por cento* certa de que desejava fazer mais trabalhos como aquele. E não é que aconteceu? Entre 2017/2018 eu e um amigo, também estudante, de publicidade e propaganda produzimos uma capa de CD para uma banda (um tanto quanto especial) onde um dos participantes é meu primo.

A banda se chama Elton Jones, de Araranguá, aqui da região Sul. Ocasões como essas me animaram e me incentivaram a mergulhar cada vez mais nesse lago de possibilidades. Me sentia um patinho muito feliz.

⁷ *extended play* – um CD ou disco que, é longo demais para ser considerado um *single* e curto demais para se considerar um álbum completo

Em meio aos acasos e o congelamento inapropriado do lago, meu ano de 2019 começou como se nunca fosse terminar. Problemas sociais, problemas familiares, regados de medos e angústias. Um ano muito marcante para mim, o ano da morte de meu pai. Momento que me trouxe tristezas e incertezas, momento de acolhimento familiar, principalmente com meus três irmãos apenas por parte de pai e minha madrasta, na qual tenho todo carinho e amor do mundo, aproximação familiar mais em relação a minha mãe, a qual eu já era próxima.

Chega a ser até meio contraditório, mas é como a vida tem sido. Como diria Holden, personagem fictício do livro “O apanhador no campo de centeio”: ele diz o seguinte – “Só porque uma pessoa morreu não quer dizer que a gente tem que deixar de gostar dela...” Principalmente se era mil vezes melhor do que as pessoas que a gente conhece e que estão vivas e tudo. Que descanse em paz, meu pai! E obrigada por tudo, viva o Universo em Desencanto!”

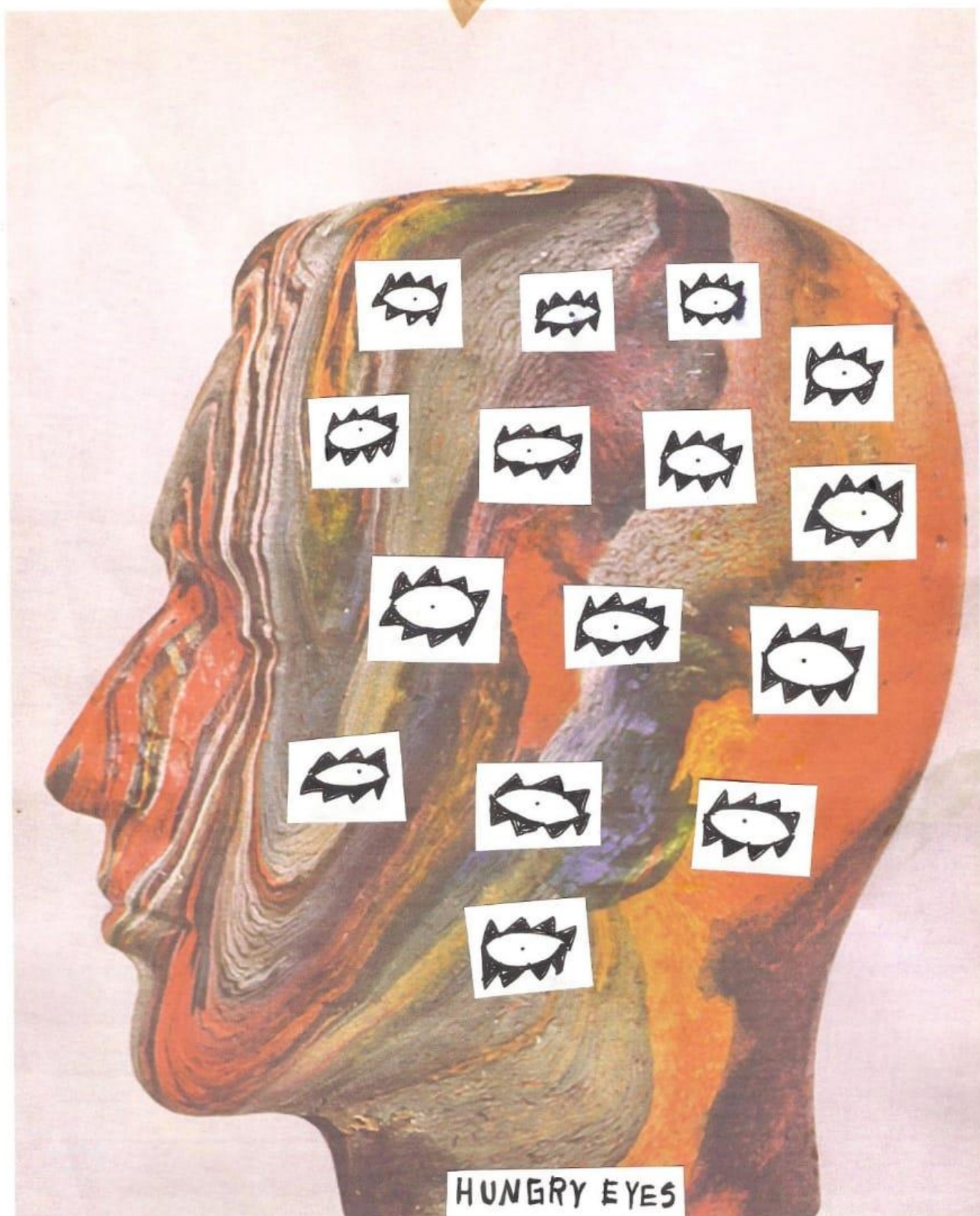
Em meio a saudades e nostalgias, no meio do ano de 2019 comecei a participar de um curso de tatuagem ministrado pelo meu amigo e agora professor Felipe Wadocha. Meu pai não gostava de tatuagens, mas minha mãe gosta, ali encontrei o equilíbrio. Quatro meses de curso intenso, baseando-se em pesquisas e aulas práticas, discussões e práticas. Foram momentos essenciais para a minha formação, não só como tatuadora, mas momentos que contribuíram para a minha formação como professora e como artista também.

No final do curso eu já estava tatuando. Antes de tatuar pela primeira vez alguém, eu estava muita ansiosa e com receio. Sentia que a qualquer momento eu iria errar, estava certa de que algo poderia dar errado. Não digo que o resultado foi perfeito, mas foi como mergulhar no lago ou cavar as extremidades dele, foi incerto, mas cativante também, *juro*.

*“Acho que um desses dias – ele falou –
você vai ter que decidir para onde quer ir.
E aí vai ter que começar a ir para lá.
E sem perda de tempo.”*

O apanhador no campo de centeio

Sim, e eu decidi. Decidi que vou para onde eu quero ir ou até então gostaria de ir. Sinto que não é possível perder o tempo pois ele nem sequer existir existe direito. Mas, acredito que ele possa ser meu amigo na mesma proporção que meu inimigo, por isso estou indo para lá. Em meio a devaneios, estou me formando e querendo ir para lá, querendo semear o que eu aprendi, vivenciar mais as coisas que escutei, compartilhar tudo que eu puder, para quem sabe, no final, colher alguma coisa. Neste momento estou plantando centeios para podê-los apanhar depois.



2 FLUXOS E REFLUXOS

A presente pesquisa está situada na linha de pesquisa de Educação e Arte do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, de forma narrativa, apresenta ideias do investigador com base em fundamentações teóricas, dialogo com teóricos que possam apresentar mais clareza para o problema que me move, como a problemática de investigar o ser artista-professor de Arte no cotidiano escolar, questionando se a presença do mesmo enriquece a vivência do aluno proporcionando-lhes a construção de um olhar estético-crítico.

A pesquisa foi construída com natureza básica, utilizando a metodologia da a/r/tografia através de pesquisas bibliográficas e de campo, sendo de caráter qualitativo com entrevistas semiestruturadas. O trabalho pensa o artista-professor e como a presença dele no cotidiano escolar pode influenciar para uma aula mais rica e experimental.

A entrevista teve como objetivo questionar três artistas-professores de Criciúma e região com a finalidade de compreender qual o ponto de vista deles em relação a ser um artista-professor e, como esse fato se desenrola em sala de aula, pensando em como um fazer pode complementar o outro.

Para a fundamentação da análise, utilizei duas autoras, Buoro (2002) e Campos (2002). A entrevista apresenta resultados diversos. Entre os três professores, duas sendo mulheres e um homem, obtive respostas pessoais de cada um. Uma professora cita que o ser professora não influencia no ser artista dela. Ao contrário dos outros dois professores que afirmam que o ser professor contribui para o processo do ser artista.

Todos concordam que ser artista enquanto ser professor se torna fundamental, uma vez que as vivências artísticas e o olhar estético-crítico possibilitam uma nova forma do fazer enquanto professor.

Sobre a escrita, mergulhei a fim de encontrar poesia onde escrevo, uma tentativa de ser poética, de me encontrar poética. Para isso, utilizei muito do livro *O Apanhador no Campo de Centeio* (1951) de J.D Salinger, um livro bastante significativo que de forma realista e nostálgica acaba narrando a vida de um jovem garoto chamado Holden. Pude perceber semelhanças ao decorrer da minha leitura neste livro, observando por sua vez que, todo mundo ainda é um pouco Holden.

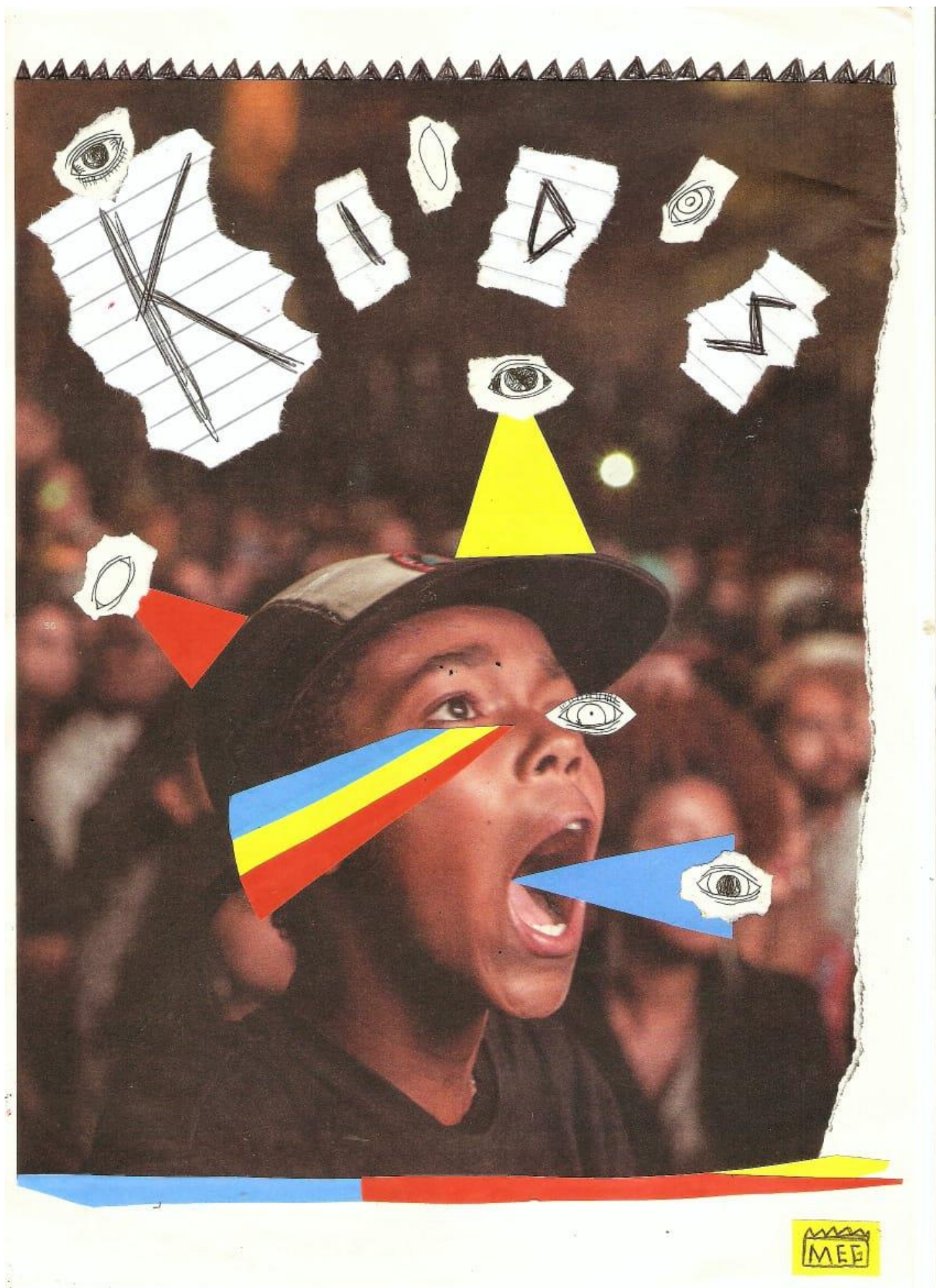
Cito também Paulo Leminski, com o livro, *Toda Poesia Paulo Leminski* (2013) em homenagem aos 70 anos deste poeta que tenho grande fascínio e admiração. O primeiro capítulo intitulado *O Lago* reflete sobre minha caminhada ao longo do meu percurso formativo. Abro-me sobre minhas influências e referências apresentando imagens que dialogam com o decorrer do texto e o que me levou a fazer o que faço, meus processos e meu caminhar.

No capítulo seguinte nomeado, *Me vi no Lago*, discorro sobre o ser artista-professor, refletindo processos, pensando na importância da construção do olhar estético-crítico em relação ao corpo-social e a si mesmo. Trago Campos (2002), uma autora que caminhou comigo desde o início de minha escrita, proporcionando-me reflexões a respeito do fazer, da experiência e da importância do olhar estético-crítico, trazendo também outros autores que ao longo da pesquisa estão presentes para refletirem comigo, como Ostrower (1978), que concretiza sentimentos em palavras, abordando a importância do sensível e da experiência. Langer (1980) que reflete também sobre o sentir de maneira a declarar que as experiências na arte não cabem em palavras, sendo assim orgânico, entre outros.

O capítulo *Sair do Lago Faz Parte*, oportuneizei para falar sobre a importância do ser artista-professor e o porquê de acreditar nessa importância, refletindo que o fazer artístico contribui para o cotidiano em que o artista-professor estará inserido. Menciono Campos (2002) considerando um olhar para a construção humana e para o corpo-social.

No último capítulo, *Apresentação e Análise dos Dados*, descrevo uma entrevista que fiz com três professores de Criciúma e região, questionando-os a partir do ser artista-professor e a influência que carregam dentro do cotidiano escolar e o que levam dele, utilizando de imagens dos trabalhos artísticos dos professores participantes percorro minha escrita com fundamentações de Buoro (2002) e Campos (2002), dois autores que me possibilitaram um caminhar poético para com minhas reflexões.

Tendo em vista o processo de minha escrita, procurei conciliar os capítulos, carregando um diálogo poético com o ser artista-professor pensando em mim enquanto artista visual e professora de artes.



3 ME VI NO LAGO

*Senhorita chuva
Me concede a honra
Desta contradança
E vamos sair
Por esses campos
Ao som desta chuva
Que cai sobre o teclado...*

*Dançando na chuva
(Paulo Leminski)*

Você lembra do lago congelado? Então, ainda estou nele, e sobre cada dia que passou estou certa de que é aqui que quero estar. Estava falando sobre mergulhar cada vez mais no desconhecido para o novo, sim! Como diria Paulo Leminski “O Ex-Estranho” (1996). Cativar-me pelo que ainda posso conhecer.

Reconheço-me até então como pessoa, uns me chamam de artista, outros de amiga e uma só de filha. Me vi artista? Talvez. Me denominar artista é um tanto difícil, acho complicado, fico com receio de estar querendo me aparecer, imagina?! Mas aqui, afirmo que o meio em que a graduação de licenciatura me colocou, facilitou e muito!

No começo da minha formação eu não me enxergava professora. Me comparava com professoras e professores que tive e não me pensava daquela maneira. Meu erro ficou claro, não existe modelo de professora ou professor, existe professoras e professores e modos de conduzir uma aula. Penso que existem características que professores vão adquirindo, por vontade própria ou no cotidiano entre as vivências e as experiências entre trocas, com alunos e outros professores(as). Uma característica que com certeza eu anseio é a aquela bem elástica, a chamada flexibilidade. Dois significados para o qual eu gostaria de frisar aqui:

flexibilidade⁸*/cs/ substantivo feminino*

1. 1.

Qualidade do que é flexível, maleável.

Aptidão do espírito para se aplicar a diversas ocupações e estudos.

Eu acredito e defendo a personalidade do “ser flexível” ainda mais quando estou falando de professoras e professores, do meu ser professora. Acredito que se faz necessário essa flexibilidade para com as coisas. Para com o desconhecido, pensando que o desconhecido pode ser uma outra realidade, a realidade do aluno por exemplo.

O quão importante se torna a realidade do outro, a realidade de alguém, eu enquanto professora de artes, que tive oportunidades de rever o espaço que vivo, de enxergar com outros olhos e obter um novo pensamento desse corpo social, procuro ser flexível, ser ouvinte. Quero colher centeios das plantações que estou fazendo, quero dançar na chuva se preciso, dançar para que ela caia.

Ainda lembro que estou mergulhando no lago como os patos... esqueci de falar para você que é primordial voltar para a superfície várias vezes, *juro*. No fundo eu aprendi, eu vi e compreendi, eu escutei e para a superfície voltarei, para compartilhar, para semear, para falar e contar. Ser flexível é considerar que posso me construir com saberes adquiridos que até então eu não conhecia. Estar aberto a isso, para mim é fundamental, uma vez como docente em artes tenho como pretensão provocar os estudantes, tanto no sentido de produção criativa, quanto no sentido de torná-los críticos, fazê-los seres pensantes e atuantes na sociedade. Diria que “ai sim!” Aí poderia me denominar artista-professora ou como diria Ricardo Basbaum, artista-etc.

Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de 'artista-artista'; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos 'artista-etc.' (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-

⁸ Dicionário online. Disponível em: https://www.google.com/search?sxsrf=ACYBGNQpH624fWPfvOQQQEvxtme0N0oN8Q%3A1573647294621&ei=vvPLXajMJdax5OUP_fWPSA&q=flexibilidade&oq=flexibilidade&gs_l=psy-ab.3..0i70i249j0j0i67j0i7.164923.166808..166925...0.1..0.328.1708.0j11j0j1.....0.....1..gws-wiz.....0i71j35i39j0i131j35i39i70i249j0i10.Cx4TRbLYgKE&ved=0ahUKEwioo_3_IOfIAhXWGLkGHf36AwkQ4dUDCAs&uact=5 Acesso em: 15 de out. 2019.

produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico etc. (BASBAUM, apud CURI, 2012)⁹

Ser artista-professor requer. Em alguma intensidade requer algo. Para mim, requer, entrega para o processo do ser artista e professor o qual procede a multiplicidades. Requer sentimentos, bons e alguns ditos “ruins”. Os bons seriam aqueles sentimentos sutis, aqueles sentimentos que carregam sorrisos e aconchego. Os “ruins” se baseariam em ira, raiva, inconformidade, essencial para instigar a provocação de uma revolução.

Revolução no sentido de transformar, de possibilitar. Recordei de outra denominação para um artista-professor, Lygia Clark e Hélio Oiticica seguiam com a ideia do professor-propositor.

Somos os propositores; somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido da nossa existência.
Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo.
Sós, não existimos; estamos a vosso dispor.
Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação.
Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora.
(CLARK, 1980. p. 31 apud MELENDI, 2012, [s.n])¹⁰

A ideia da Arte Propositora¹¹ (1969/1970) constitui em propor a ideia de que a arte não é somente o objeto, mas realça o processo que leva até o objeto em questão. O artista propositor utiliza de sua comunicação de maneira intensa, e direta, possibilitando o cultivo do pensar. Para Fervenza, (2004, p. 138 apud WREGGE e SILVA, 2018, p.6 vl.01 N°07)

Elas são propositivas no sentido em que não há um objeto artístico pronto para ser apreciado, mas antes um processo. (...). Aquele que toma parte nesse processo inclui-se como alguém que produz uma experiência de fazer e abre uma experiência de sentir e pensar, ou pensar, sentir, fazer: os termos encontrando-se inter-relacionados e não necessariamente numa ordem estabelecida.

⁹ Disponível em: <http://www.bienal.org.br/post/551> Acesso em: 02 de out. 2019.

¹⁰ Disponível em: <https://estrategiasarte.net.br/papeis-avulsos/lygia-clarke-texto-imagem>

¹¹ A arte propositora pode ser entendida como um mecanismo da arte onde os artistas utilizam de sua relação comunicativa de maneira intensa, e, direta, expondo uma estética comunicativa que envolva os espectadores em um determinado propósito, passando assim intensidade nas obras, peças, e, expressões corporais elencadas por eles.

Como artista-professora, penso que o processo não só do objeto em si, mas também, trazendo a proposição para o contexto na docência em artes. Considerar o processo como experiência, como um lago que mesmo congelado na sua superfície mostra-se vasto e gigante para um mergulho de querereres.

Sendo artista-professora que aposta na liberdade, mas na liberdade sincera, a liberdade dos pensamentos. A liberdade que destrincha os aprisionamentos mentais. Liberdade essa que eu, enquanto artista-professora, em meio as práticas e experiências com o espaço-escola, espaço-corpo-social, irei insistir para que estudantes mergulhem, se ensopem à espera do sol e não fiquem apenas molhando os pés ou fugindo dessa água de proposições.

*“Não é tão mal assim quando tem sol,
mas o sol só aparece quando cisma de aparecer.”*

O apanhador no campo de centeio

Concordo, não é tão mal assim, ainda mais quando se está imerso dentro de um lago congelado! Voltei um pouco para a superfície, depois de um intenso mergulho que almejo novamente, o sol está surgindo para anunciar o descongelamento do lago, viva! Os patos poderão voltar a superfície! E eu estou feliz, igualmente quando precisei mergulhar bem fundo, voltei feliz para a superfície.

Assim como o sol, nós precisamos aparecer, cismar em aparecer. Não no sentido de exibicionismo, narcisismo. No sentido de mostrar que estamos aqui. Sou sol, sou artista-professora. Estou aqui e estou compartilhando experiências, estou ouvindo e estou falando também. Em conjuntura com o espaço-escola, penso ser indispensável agir como o sol, que aparece quando cisma em aparecer sem perguntar e sem esperar nada de ninguém. Ser artista-professora flexível, atuando para ensinar, de maneira que o outro (estudante) se torne íntimo da experiência, das falas que estão sendo discutidas. Mergulhar na realidade do outro é extraordinário. Conhecer o que o outro tem a oferecer e se propor a isso. Ser um artista-professor-propositor para o outro.

De acordo com Freire (1995, p.35): “A partir da realidade concreta com que as novas gerações se defrontam é que se torna possível articular sonhos de recriação da sociedade”. Instigar o outro a olhar de maneira cautelosa para o corpo-social em

que vive, um olhar crítico, a fim de fazê-lo inferir e perceber-se sujeito existente na sociedade.

Campos (2002, p. 77) diz que: “Perceber, interpretar, compreender e avaliar as ações, tomar consciência do sentido que elas possam ter para si e para o outro é, sem dúvida, um modo de crescimento humano”. *No duro*, acredito que dialogar com o estudante e com o meio em que ele interage, acaba se tornando primordial para a construção de possibilidade de trabalho com o autoconhecimento e o saber partilhar em corpo-social.

Entre leituras e devaneios tive um *insight*¹², a oportunidade que tenho de falar sobre a formação do professor de arte, mais especificamente, da formação do professor de arte nesta instituição, lugar onde estou encerrando mais uma etapa da minha vida. São quatro anos de formação, quatro anos atuando a partir de regras estabelecidas, de prazos, avaliações e notas. Quatro anos inserida dentro de um meio acadêmico no qual me proporcionou alegrias, que de certa forma me instigou a querer mergulhar no lago do desconhecido.

Não deixo de mencionar que também me trouxeram tristezas, acredito que lugares que te proporcionam felicidades demais são ilusórios, lugares que te proporcionam tristezas demais são desgastantes, lugares que te proporcionam os dois são lugares *cem por cento*. Minha percepção a respeito da formação do professor de arte no curso de Artes Visuais me faz abrir em questão uma dicotomia, dois caminhos: o caminho do objetivo e o caminho do subjetivo, ambos imensamente importantes para uma formação.

O objetivo é obvio, aquilo que está padronizado, aquele regime de regras e normas, *sabe?* Que te prepara para o que chama de “vida real”. Prazos, horas a cumprir, metodologias etc. Não descartando a importância desse, claro. O outro caminho, um dos mais cobiçados por jovens estudantes de Artes Visuais, o caminho da subjetividade, o caminho do desconhecido, esse é o caminho para o lago, lembra? A subjetividade te induz a um mergulho fatal, (no bom sentido).

A subjetividade não está definida, mesmo carregando significados, acredito que jamais será definida. Apenas por aforismo, aí sim, aí eu acredito em diversos significados para a subjetividade. Se entregar para essa tal subjetividade pode te

¹² Clareza súbita na mente

proporcionar inúmeras sensações. Eu me recordo de algumas sensações que tive. Uma delas caracterizo como a sensação de fluidez, como se fossem várias galáxias brilhosas e abertas para passagens e pensamentos transeuntes.

Outra sensação que tive foi a de ser algo inalcançável, aquilo que jamais poderemos tocar e jamais poderemos compreender de maneira universal, aquilo que se torna múltiplo, com múltiplas verdades e significados. Frustrante, não? Dependendo do dia, sim, mas prefiro pensar que isso acaba se tornando belo. Acaba sendo um mergulho no lago sem fim, o qual nos motiva a sempre prosperar a traçar novos caminhos. De acordo com Campos (2002, p.65):

“O professor precisa ser “olhado” nas suas qualidade e deficiências de formação, compreendido como ser humano que é, nas suas dificuldades e condições, para, então, propiciarem-se meios para que possa construir o eu, sujeito-professor.”

A formação acadêmica do professor de arte propicia um espaço do fazer e do aprender, de escuta e diálogo. Enquanto sujeito, sem saber se era artista, se já poderia me denominar professora ou, quem sabe artista-professora, lembro que nos meus primórdios do curso, eu não estava a par de muitas situações que hoje presencio, que hoje compreendo.

Em meio a leituras propostas por professoras e professores que tive no curso e, principalmente, por vivências que se basearam naquilo que estudo, pude mergulhar bem fundo para poder experimentar, para poder permitir o sentir, para poder modificar meu olhar rumo ao novo, me construindo em alguns aspectos e desconstruindo em outros. Langer diz:

A forma não discursiva na arte tem uma função diferente, a saber, articular conhecimentos que não podem ser expressos discursivamente porque ela se refere a experiências que não são formalmente acessíveis à projeção discursiva. Tais experiências são os ritmos da vida, orgânica, emocional e mental (o ritmo de atenção é um elo interessante entre todos eles), que não são simplesmente periódicos, mas infinitamente complexos, e sensíveis a todo tipo de influências. Juntos eles compõem o padrão dinâmico do sentir. (LANGER, 1980, p. 249-50 apud CAMPOS, 2002, p. 68)

Posso me assegurar que, sentir é fenomenal, é cativante. Sentir, saber sentir, se colocar a sentir. A minha formação de professora, que bem, encaro como formação de artista-professora me inseriu num contexto de vivência que abriu espaço para possibilidades de uma construção estético-crítico do meu olhar. Pensar em ser artista-

professora como mediadora em sala de aula e instigadora de quereres do outro, para que eu consiga utilizar da arte enquanto arte por si só, e arte enquanto perspectiva, para que eu possa fazer, na qualidade de ser uma artista-professora, que o outro possa trilhar caminhos que deseje para si.

Digo o outro enquanto estudante. Caminhos esses que não só importaram para o outro, mas importaram para mim também, enquanto artista-professora-propositora. Caminhos de conhecimentos, de entrega e criação. Segundo Ostrower (1978, p. 28) “criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade (...) Somos, nós, a realidade nova”. Acredito que o artista-professor, enquanto atuante da sua profissão, encontra-se em contextos contraditórios. Enquanto propicia novos olhares e caminhos para seus alunos, se vê em situação precária, às vezes em situação de desespero, *no duro*.

Desespero por saber olhar criticamente para o nosso corpo social, por saber que os estudantes são pequenos pedaços que irão compor o futuro. Por saber da realidade do seu local de trabalho e de sua saúde mental. Por isso se faz importante a troca com os estudantes, se faz importante um espaço, um momento para conversas e desabaços, pois quando olhamos para o outro encontramos motivos para transformar e construir novas experiências a nosso favor, experiências no fazer, experiências no falar e compreender que podemos usar do desespero, do caos, uma luz para a criação. Segundo Bondía (2002, p. 24):

Requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

*Foi esse tipo de uma tarde louca, terrivelmente fria e sem sol nem nada,
que você se sentiu como se estivesse desaparecendo toda vez que você
cruzava a estrada.
O apanhador no campo de centeio*

“Foi esse tipo de tarde louca”, gostei dessa frase. Tentar contextualizá-la no que irei dissertar agora pode ser um pouco difícil (para mim). Difícil encaixá-la num

sentindo..., mas, será que necessariamente preciso fazer isso? Pensando por outro lado acho que o que “preciso” é apenas fazer sentir. Reflito então sobre o olhar estético-crítico, sobre seu desenrolar, seu processo e seu estar. Importante lembrar que não preencheréi significados, nem anseio por isso nem nada, prefiro apelar pela constante existência enquanto vivo.

Pertencendo ao contexto da construção de um olhar estético e crítico, tanto para mim artista-professora quanto para o outro, suscitar-se a experiência em ponto livre e espontâneo a fim de capturar uma essência construída esteticamente para a propiciação de sentimentos e sensações, mesmo não intencional. Penso sobre dispor-se ao sensível na intenção de edificar o olhar, esse olhar estético, olhar crítico.

Construir experiências de natureza estética é, portanto, uma vivência por inteiro. O sujeito é tomado por um mundo de sensações, sem fragmentação e, na continuidade, pelo prazer da experiência estética. Ela não ocorre separadamente; estão presentes, as sensações, os sentimentos e a admiração. No momento do acontecer estético não há separação, unindo-se os eventos e objetos num movimento dialético. CAMPOS (2002, p.106)

Compreender que se faz necessário conhecer o meu sensível e o seu sensível, também para tornar a experiência mais próxima, mais significativa. Significar não apenas para preencher algo, mas sim, entender que faz parte do processo de viver. Campos (2002, p.104) afirma que “...conhecer a emoção estética implica necessariamente vivê-la.” A autora continua suas reflexões dizendo que “A experiência estética não é dizível pela linguagem verbal; ela explica e fundamenta, mas “degustá-la” é uma competência para o campo das sensações concretizadas pela ação do viver.”

Considero que a construção do olhar estético-crítico deve ser explorada e necessariamente/urgentemente trabalhada. Em sala de aula, penso ser válido ressaltar a importância do “estar presente”, do enquanto sujeito-existir, de verdade mesmo, enquanto artista-professor, deixando-se fluir em experiência com o cotidiano em que vive: a sala de aula. Para Bachelard (1988, p.94 apud CAMPOS, 2002, p. 70) “é preciso estar presente na imagem no minuto da imagem(...) deve nascer e renascer no momento em que surgir um verso dominante, na adesão total de uma imagem isolada, no êxtase da novidade da imagem”.

Julgo que o cotidiano, a rotina, faz com que nos colocamos em frente a escolhas, não é mesmo? Estar presente por inteiro em um ambiente, no fazer, é

resultado de uma escolha. As escolhas, decisões, mostram conceitos que foram edificados ao longo do tempo em nossa vida. São pensamentos, preferências direcionadas, e crenças estabelecidas. Para Ostrower (1990, p.3) “os pensamentos conscientes e inconscientes, interligados a emoções e aos desejos, têm sempre uma base real no acervo de vivências da pessoa”.

Percebo que a presença da arte em sala de aula a fim de significar ou ressignificar a experiência para o estudante, permite deixar para que ele mergulhe nos contextos pelo tempo que for preciso, desde que mergulhe...

Cada vivência é sempre única, já que é impossível a repetição, visto que o momento vivido é sempre um novo tempo, diferente do anterior. Assim, também o sujeito não será o mesmo. Nada permanece totalmente igual, porque, onde há vida, há sempre movimento que cria e recria contextos em permanente mudança, onde os homens comprometidos com o coletivo podem mergulhar, “de cujas ‘águas’ os homens verdadeiramente comprometidos ficam ‘molhados’ ‘ensopados’”. (FREIRE, 1995, p.19)

Reconhecer o tempo em que cada um leva para mergulhar e ficarem ensopados pela experiência que a vivência pode transmitir, é fundamental. Tempo esse que o sujeito consiga se enxergar como sujeito em constante transformação. Enquanto indivíduo único, saber que a vida se encarrega de acasos para a construção de múltiplos, múltiplos saberes, múltiplos espaços, múltiplos “seres”. No olhar de Ostrower (1990, p. 2).

O próprio tecido de vida não é senão uma infinita teia de acasos. No contínuo fluir, há uma sucessão de eventos que, embora ocorrendo em conjunto, resultam de causas aparentemente desconexas entre si e, também fora de nosso controle-acasos sempre em relação à nossa existência individual.

É preciso ser indivíduo, mergulhar só, para assim poder contemplar o coletivo, para querer mergulhar juntos. Se tornar sujeito para a construção dos múltiplos. Na concepção de Campos, (2002, p. 87)

“O ser humano, quando em harmonia com o seu desenvolvimento, transforma-se e reforma, tem dificuldade em adaptar-se a situações não flexíveis, pois é sujeito de diálogo e capaz de julgar o que seja bom ou mau para si e para o coletivo.”

Desse modo, artista-professora, artista-professor, artista-professora-propositora, artista-etc., sustenta um papel imprescindível que, se assemelha ao papel

manteiga: transparente, que consegue ver através da sua própria lente começos e recomeços. Papel maleável, o qual podemos chamar de flexível, que se adapta as circunstâncias necessárias. Sendo sujeito de diálogo, transmissor ou ouvinte.

O querer ensinar, querer partilhar aquilo que compreende, sendo professora-artista, requer sempre novas construções para todas nossas certezas e opiniões. Requer um “instinto” que cobice cada vez mais a vontade da pluralidade do conhecimento, múltiplos conhecimentos. O trabalho da educação de arte, sendo artista-professora, necessita ser perfurado, escavado, para que possamos apreciar cada vez mais o desconhecido.

Chamo de desconhecido quando quero chamar de subjetividade. Quando quero chamar de saber da subjetividade, onde buscamos e nunca encontramos, o que faz disso uma experiência infinita. Por isso se faz importante atuar como educador de arte, não somente na objetividade, onde o outro é banhado de regras, metodologias, prazos e realidade pragmática. Sempre que possível mergulhar, mas mergulhar fundo, na subjetividade de conceitos e ideias construtivas para que o sensível possa ser despertado sem medo e sem travas no outro. Isso seria *cem por cento*. Como cita Ostrower, (1990, p.75)

Hoje em dia, as pessoas nem mais sabem, que antes de tudo, são dotadas de uma inteligência sensível – já que em nossa civilização super-racionalista e surperintelectualizada (na verdade, irracional e antiintelectual) a sensibilidade pouco conta. No fundo, as pessoas têm medo da sensibilidade, e, também, do senso de liberdade que ela proporciona.

Convoco a você e a mim também, a permitir-se encarar perspectivas novas, processo que de alguma forma irá facilitar uma experiência híbrida no campo da estética, de ideias, do sensível e do criar. A palavra híbrida parte do pressuposto da inserção de múltiplos, de vários. Nesse contexto, do ensino da arte, do ser professor, “experiência-híbrida” pertence às muitas formas de percepções e interações entre determinados conteúdos ou práticas.

Crescemos, nos desenvolvemos e nos transformamos. Nossa capacidade de compreensão se amplia em direção simples ao mais complexo, da unidade para a multiplicidade e para as diferenciações, de diferenciações menores para as maiores, para as sínteses, para a coerência na diversidade. A transformação e a ampliação do ser espiritual são os aspectos mais relevantes do desenvolvimento humano. (OSTROWER, 1990, p. 233).

Desenvolver-se como sujeito enquanto sujeito artista-professor ou artista-professora, necessariamente de arte, faz parte do processo que se provoque uma mudança no viver acomodado, não só no seu viver acomodado, mas no do outro também. O processo é contínuo e está sempre em estado de frutificação.

Depois que o lago descongela, a superfície volta ao normal, o sol radia, as árvores frutíferas ao redor recomeçam novamente mais um ciclo de vida, prosperando frutos. Os frutos que eu enquanto artista-professora devo compartilhar para o outro que está em formação, tanto para a formação do olhar para com as coisas, quanto das competências que o espaço-escola propõe. Segundo Campos (2002, p. 111)

Construir-se como sujeito implica viver em constante estado de desacomodação, onde estados de equilíbrio, desequilíbrio e reequilíbrio movimentam-se num contínuo processo, fazendo cada momento diferente do anterior, repercutindo nas significações das leituras apreciativas.

Partindo dessa narrativa, penso no “ter fome”, na relação fome com os saberes que que busco. Eu, nós e eles. Ter “fome” do saber, não só de mim mesmo, mas dos outros, no sentido construtivo, ter “fome” do saber coletivo, referindo-se aos nossos ensaios diante da realidade que se constrói. “Fome” voltada para a arte. Para o saber da arte, para o saber e o aprender dentro da escola, sendo artista-professora, e atuando como tal, instigar essa “fome do saber” no outro que se faz presente.

Não pretendo criar nenhuma esperança, acho necessário discutir sobre os múltiplos sentidos que observamos na realidade atual, múltiplos sentido do agora. Usufruir da arte como meio sensível, meio que possa te proporcionar o sentir, sejam sentimentos bons ou ruins, e olhar a arte como um meio poético para a idealização de narrativas do agora, do cotidiano em que se está, e de narrativas para o amanhã, possibilitando um olhar realista, porém, significativo para o outro. De acordo com Buoro (2002, p. 58) “A escola participa intensivamente dessa formação, a qual alterna as dimensões formal e informal e as entretetece numa trama que é a da nossa história pessoal: somos as narrativas que construímos”.

Insisto em dizer que é necessário pensar na educação do sensível. Educar para o olhar sensível, acolhedor, contudo, um olhar crítico. A arte como possibilidade para o pensamento sensível sobre o nosso meio, na construção de novos indivíduos para o nosso corpo social. Pensar sobre o que estamos vivendo e o que até então queremos, questionar a atividade do ensinar, afim de mostrar que as experiências

estéticas são intransmissíveis, que elas só partem do contexto pessoal do sujeito, da vivência dele, da minha vivência e da sua vivência. Para Campos, (2002, p. 112)

A experiência é algo intransferível, pois ninguém poderá dizer o quanto o dia está claro, sem que o próprio sujeito apreenda a “clareza”. Portanto, não há outra maneira de conhecer um contexto social a não ser que se esteja nela, pois não há outra possibilidade de transporte para as experiências pessoais.

Penso no meu dia-a-dia, na minha cidade, nos lugares, espaços onde estou de passagem, nas ruas, nas praças, nos ônibus, ao andar de bicicleta, olhando para o céu. Penso no que consumo, no que compro, no que falo, ou no que penso antes de falar. Holden, personagem fictício do livro *“O Apanhador no Campo de Centeio”*, já falava: “Bom mesmo é o livro que quando a gente acaba de ler e fica querendo ser um grande amigo do autor, para se poder telefonar para ele toda vez que der vontade. Mas isso é raro de acontecer.” Retirando do contexto original e moldando para minha escrita, penso este livro como a experiência, você leu, mergulhou nele, gostou muito, se apaixonou.

Pois pense o autor como sensível, ligue para o sensível, insista. Sinta vontade do sensível. Como artista-professora, encorajar o outro para o despertar do sensível, ser o livro para o outro, proporcionar possibilidades de experiências para o encontro com o sensível. Tornar o sujeito um ser pensante, crítico e sensível.

Estamos acostumados e acorrentados aos paradigmas, acostumados a ignorar pequenas coisas que passam ao nosso redor, as quais, acredito eu, poderiam possibilitar o sentir. Acaba sendo deprimente pensar que coisas simples da vida já não são motivos de alegria, penso comigo: será que foi algum dia? Imagina, olhar para cima em dias de céu de brigadeiro, apreciar o pouco do ver que nos cerca, saber escutar os sons da natureza e amar, abraçar, se sentir aconchegado com aqueles que amamos.

Não posso esquecer de citar aqui o estrogonofe e um brigadeiro de panela daqueles... Se faz necessário não agir de forma sistematizada, comportamento que hoje em dia está sendo visto como ato rebelde e teimoso. Bachelard (1988, p.107 apud CAMPOS, 2002, p. 71) “com a poesia, a imaginação nos coloca no lugar onde a função do irreal vem seduzir ou inquietar – sempre despertando – o ser adormecido em seus automatismos”.

Uma plantação então. Enquanto sujeito, artista-professora, artista-professor, professora-artista-propositora e necessariamente enquanto o “outro”, relações sociais são precisas, não digo que se colocar sozinho em alguns momentos seja terrível, não. Penso que é questão de equilíbrio. Construir-se um sujeito social, presente no corpo-social e construir-se enquanto sujeito único. O vazio acaba se tornando perigoso algumas vezes, no duro mesmo. Repito, uma plantação...ao longo que se passa, um plantio de centeios se avista, e ao longo que se passa um plantio de centeios crescerá. Sujeitos. Sujeitos que agem, que escolhem e que pensam.

© Ric Egerbright



© 1983 R. Hamilton Smith



MEB

4 SAIR DO LAGO

“Seja lá como for, fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto – quer dizer, ninguém grande – a não ser eu. E eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o quê que eu tenho de fazer? Tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto. Só isso que eu ia fazer o dia todo. Ia ser só o apanhador no campo de centeio e tudo. Sei que é maluquice, mas é a única coisa que eu queria fazer. Sei que é maluquice.”

O Apanhador No Campo De Centeio

Ser um apanhador no campo de centeio. Ser o sujeito que agarra o que tiver que agarrar. Em práxis, ser uma artista-professora-propositora que esteja incisivamente “apanhando” (diga-se pegando) coisas no campo de centeio. Esqueço os garotinhos que Holden descreveu, penso no campo de centeio como um campo para a prática. Um campo de processos, processos esses que acolhem o ser uma professora-artista-propositora. Julgo importante o processo. Até mesmo mais importante que o próprio resultado final, seja qual for o resultado, algo que de tocar, sentir ou apenas falar.

O ser artista que trabalha. Porque sim, artista trabalha! O ser artista em um campo de centeio, apanhando um punhado de possibilidades, tornar-me artista-professora-propositora onde num campo de centeio penso apanhar a subjetividade que a experiência transfere. Mostrar o campo de centeio como um espaço que instiga ao criar para o processo infinito.

Fazer-me professora-artista-propositora não apenas para ensinar, mas para me colocar como ouvinte. Como professora sensível. Para Langer (1971, p.95 apud CAMPOS, 2002, p.101) “Na melhor das hipóteses o pensamento humano é apenas uma minúscula ilha limitada pela gramática, no meio de um mar de sensação e expressão.” Consequência disso, considero que acaba se tornando sublime a professora, o professor ou os professores(as) de artes ser ou se tornarem artistas (lembrando que artista não é só aquele que produz), ele é pesquisador, curador, crítico ou etc.

Não estou querendo entrar num limbo de mal-entendidos ou pretensões que faça parecer que valido apenas artistas-professores etc. Não. Julgo dizer que considero uma outra forma do fazer, do ensinar, uma forma mais próxima com o contexto que está trabalhando. Exercendo um sentimento de pertencimento em relação ao espaço arte. Como cita Ostrower (1990, p. 84), se faz necessário “entender que jamais se parte de um vazio, um nada”, pertence a casualidades. Lembra do campo de centeio? Espaço que podemos identificar como um espaço de possibilidades? Ostrower (1990, p. 218) dizia que “todos os indivíduos nascem com um potencial de sensibilidade, necessitando espaços que propiciem esse desenvolvimento.”

Portanto, compreendo que o ser artista-professora-propositora é repleto de tudo, e esse tudo transfigura-se essencial e rico para um espaço-escola, ou espaço-formação, para uma casualidade de experiências estéticas e formações críticas e precisas.

Considero importante enquanto artista-professora de arte preocupar-se com a construção de espaços que propiciam a viver experiências estéticas, considerando a realidade do contexto do outro, do sujeito em questão. Ostrower (1990, p.2) diz que “o próprio tecido de vida não é senão uma infinita teia de acasos”, encaro como uma infinita teia de acasos pronta para o caos, em que se cruzam realidades diferentes e experiências estéticas únicas para cada sujeito.

Isso forma o coletivo, isso forma o corpo-social. E entendo que artista-professor “aprende a ser” quando está em partilha com o outro e aprende a olhar. Pochet (1996, p. 61-2 apud CAMPOS, 2002, p.109) atribui significado ao verbo olhar da seguinte maneira:

Olhar, verbo ativo, supõe um ato deliberado, uma atenção, um esforço, uma reflexão. O olhar, portanto, requer um envolvimento além do simples ato físico, envolvendo capacidade de percepções sensíveis e cognitivas.”

Posto isto, sinto que é gritante a influência em ser um ou uma artista-professora etc., para os alunos (tratando-se de espaço-escola), pois o sujeito artista-professor está inserido no meio social, político e estético da arte, esse mesmo sujeito está na parte de dentro, tornando importante reconhecer seu lugar nesse corpo-social. Em consequência, é natural a vontade de propiciar um espaço para conversas não

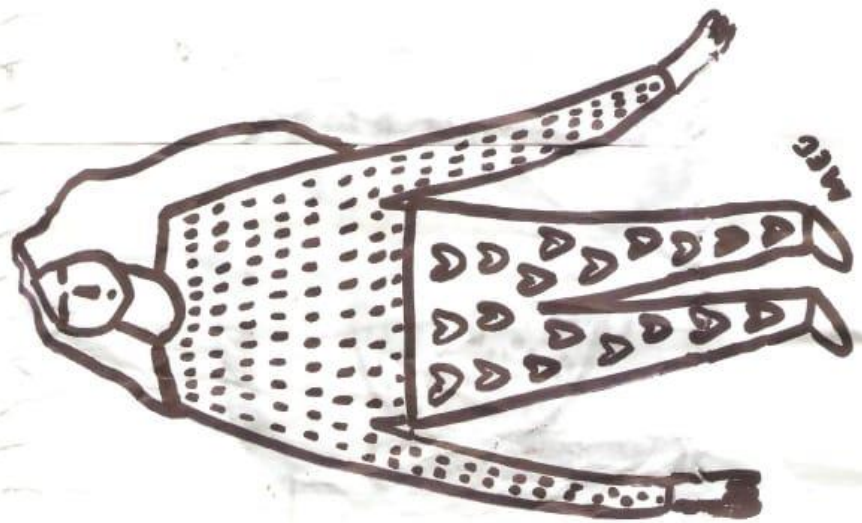
acomodadas. Um espaço para a construção de um outro sujeito, também pensante, e desacomodado. Um espaço não necessariamente físico, penso em um espaço de ideias, de conversas e opiniões abertas. Para Campos (2002, p.111).

“Construir-se como sujeito implica viver em constante estado de desacomodação, onde estados de equilíbrio, desequilíbrio e reequilíbrio movimentam-se num contínuo processo, fazendo cada momento diferente do anterior...”

O ensino da arte pode propiciar essa desacomodação, essas experiências que realmente seja significativa ao aluno. Quando um professor se torna propositor de ideias e possibilidades de criação e reflexão, fazendo o aluno se perceber como um ser que produz e assim aproximando-o da sua arte, do seu universo estético.

O caminho da construção humana e da formação docente através da estética é uma possibilidade e uma real necessidade... A formação estética e artística não deve restringir-se... Conquistá-la e tê-la como meio na construção da subjetividade e, como recurso na caminhada do docente, não deve ser privilégio de poucos. A arte é o mais legítimo meio para a formação do sujeito estético... capaz de contribuir e fazer mudanças sociais. (CAMPOS, 2002, p.98)

No próximo capítulo, estarei apresentando a pesquisa que realizei com artistas-professores e, em suas falas, pode-se perceber o quanto se torna mais significativo não somente para os alunos, mas também, para o próprio professor, quando esse também se reconhece como um artista-professor-propositor.



5 PONTOS DE ENCONTRO

Neste capítulo apresentarei as entrevistas que realizei com três professores artistas. Todos atuam ou atuaram nas redes públicas de ensino, todos são formados nesta instituição no curso de Artes Visuais. A entrevista foi composta com cinco questões que levantam a reflexão de ser professor e artista. Os entrevistados serão identificados como P1, P2 e P3. Os autores que irão dialogar nesta análise são: Campos (2002), Buoro (2002) e Lampert (2014).

Na primeira pergunta foi questionado: ***“Como você define a sua trajetória na arte, você era um(a) artista que se tornou professor(a) ou um(a) professor(a) que se tornou artista?”*** A artista-professora P1 relata que após a sua formação em Educação Artística trabalhou como curadora na Fundação Cultural e se deparava com as pessoas que perguntavam o que ela produzia e isso de certa forma foi trazendo para ela uma reflexão. Quando ingressou no mestrado em Poéticas Visuais pela UDESC ela passou a pesquisar sobre “territórios” e a partir de então se percebeu artista. Em seu relato ela continua contando que: *“a partir daí eu comecei a minha produção, a partir do mestrado, na minha pesquisa de mestrado sobre “territórios”, e principalmente território de mineração. E foi numa experiência, numa passagem de fronteira entre Londres e Paris que eu tive uma experiência onde eu era a única branca num ônibus lotado de negros, onde foi minha primeira experiência entre fronteiras e via como as pessoas eram tratadas. E a partir daí surgiu a minha exposição “Visto Livre” que está reverberando em outras ideias e outros trabalhos. Então eu comecei a produzir profissionalmente a partir de 2008, a partir da minha pesquisa de mestrado.”*

A narrativa da entrevistada nos remete a Campos (2002, p.42) onde enfatiza que:

“É nesse mundo vivido que o sujeito encontra as relações do sentido porque é nele que as percepções revelam o verso e o reverso dos textos de significação, fazendo surgir os sentidos de nossas relações com o mundo e com os outros.”

Fica evidente que P1 quando teve uma experiência de relações e sentidos é que foi despertando a artista interior que, encontrava-se adormecida. O mundo em que ela se percebeu com os outros a despertou para a produção “Visto Livre” que até hoje reverbera em desdobramentos de outras produções.

Já a artista-professora P2 descreve que sempre gostou de desenhar, mas nunca se imaginou professora, tanto que quando ingressou na licenciatura em Artes Visuais pensava o tempo todo em mudar para o bacharelado, porém, durante a sua formação, ela foi chamada para trabalhar numa escola e para sua surpresa, adorou o ofício de professora. *“O fato de ser professora foi uma surpresa para mim, por que não era o que eu pensava que eu ia fazer, mas gostei e continuei até hoje, porém, paralelo com a minha produção de artista também”.*

Diante da história de P2 percebemos o quanto o ser humano é um ser inacabado e essa condição abre possibilidades para que ele se permita a conhecer outros mundos, “e é dentro dessa concepção que a educação continuada faz sentido”, Campos (2002, p.46) ou seja, a sala de aula apresentou a ela o quanto ser professora a motivou a continuar produzindo sua arte.

Partindo para a segunda pergunta: ***“O seu cotidiano escolar influência de certa forma as suas produções?”*** P1 respondeu: *“Com certeza o cotidiano escolar influência na minha produção. No cotidiano que eu lido com as questões teóricas, que eu trabalho novas ideias, busco novos recursos, procuro trabalhar nas materialidades com meus alunos, eu pratico desenho praticamente todos os dias, trabalhando em sala de aula...”* O entrevistado P3 apresentou a seguinte resposta: *“Atualmente não estou em sala de aula, mas o mundo a minha volta, as notícias diuturnas, o mundo à minha volta provoca um processo de reflexão, crítica e resposta criativa a tudo isso. Quando em sala de aula, minhas produções se enriquecem, pois partilho conhecimentos e materiais, práticas com os alunos, uma troca constante de olhares e fazeres, que enriquecem sobremaneira minhas noturnas produções artísticas.”*

Nessas duas respostas, podemos perceber que ambos reconhecem o quanto a forte ligação entre ser artista e ser professor. Porém, P2 confessa que possui dificuldades em relacionar o ser artista e o ser professor conforme sua fala: *“Eu creio que não, por que são coisas bem diferentes, né? A minha poética é mais voltada para esse universo botânico, é mais uma coisa científica, um estudo de espécie e hibridizações e tal. A minha função de professora na escola é uma coisa mais diferente, são coisas bem distintas, embora eu possa sempre estar pensando em uma coisa ou outra, mas eu não me inspiro no meu trabalho como professora, são coisas bem diferentes pra mim.”*

De fato para alguns professores é difícil fazer uma ligação entre ser artista e o ofício de lecionar, embora também me reconheça nesse meio, me descobri artista durante o curso de licenciatura, mas muitas vezes, tenho a dificuldade de me reconhecer como artista e permaneço refletindo que talvez seja uma futura realidade para mim. Acredito que esta pesquisa me fez refletir o quão importante é se reconhecer artista e artista-professora.

Na terceira questão, propus a seguinte pergunta: **“O fato de você ser um(a) artista contribui no seu “ser” professor(a)?”** Para P1 *“Eu acho que eu contribuo me comunicando com os alunos, colocando para eles exatamente o que é o “ser” artista, né? E como o artista constrói as suas poéticas, de que forma ele desenvolve, onde ele busca inspiração, e é do cotidiano, é do meio e é no todo dia, né? O tempo todo e quem que é artista, né?”*

Na resposta de P3 ele enfatiza que, ser artista traz uma experiência estética para o aluno que ultrapassa a sala de aula. *“Ser Artista Plástico, na minha opinião, é estar conectado com a espinha dorsal de uma sociedade, sua cultura e comportamento, seus caminhos e descaminhos, a possibilidade de tentar através da Arte, alguma mudança, por menor que seja, de falar, mostrar, compartilhar conhecimentos e práticas que proporcionem um ferramental de comunicação sensorial e técnica, buscando despertar o sutil em cada aluno, o reconhecimento individual de suas potencialidades comunicativas e afetivas, lúdicas, culturais, a questão identitária como fio condutor do processo de alfabetização visual e emocional.”*

P2 afirma que: *“Com certeza contribui muito! Eu acredito que assim, não sei se eu vou saber explicar... é como se você estivesse do lado de dentro, é diferente pra alguém que não é artista, talvez ele não consiga entender na sua totalidade como é que funciona um processo de criação, é como se você tivesse que estudar isso, tivesse que ir lá conversar com um artista, perceber, tentar entender como é que funciona e tal, e quando você é o artista você já tem mais ou menos uma ideia de como funciona todo esse processo.”* Esses relatos me remetem as palavras de Campos (2002) que descreve o quanto estar em contato com a arte e compartilhá-la reflete na construção da subjetividade humana. Percebo diante das falas dos entrevistados o quanto essa troca existe, estar em contato diariamente com a arte e

com os alunos reverbera nas produções individuais e consequentemente nas suas metodologias em sala de aula.

Na quarta questão questionei se: **“Seus alunos sabem que você é artista?”** A artista-professora P1 respondeu que: *“Alguns alunos sabem que eu sou artista, nem todos, pois eu não chego na escola contando para os alunos que eu sou artista, geralmente quando eu vou fazer alguma exposição ou alguma coisa na cidade, ou que tenho que sair ou faltar para ir em uma abertura de uma exposição, eu acabo falando para eles, e alunos do ensino médio, geralmente adolescentes querem conhecer o meu trabalho, mas, é difícil eu chegar na escola já contando para os alunos que eu sou artista, eu sempre me posiciono como professora.”*

E P3 descreve: *“Desde o primeiro dia em que pisei em uma sala de aula, deixei claro aos estudantes que só me tornei professor, porque acredito que a Arte seja uma ciência com potencial multidisciplinar e envolvente, formador de habilidades, processos e experiências ímpares, as quais proporcionam um caminho de possibilidades infinitas de buscas de soluções e resoluções, técnicas e didáticas, científicas e lúdicas.”*

E P2 responde: *“Acredito que a maioria sabe, talvez não todos, mas é uma coisa que eu também não fico falando isso, sabe? Eu deixo isso mais separado. Claro que as vezes eu comento alguma coisa, eles já foram visitar exposições em que eu participava, mas eu nem falei que iria ter, eles viram de surpresa e falavam: “oh! Olha o trabalho da professora!”. Não é uma coisa que eu goste de ficar falando de mim como artista pra eles, eu deixo mais a parte isso, sabe?”*

Percebe-se que dos três entrevistados apenas um já deixa claro que além de professor é artista, por outro lado as duas professoras encontram dificuldades em se sentirem artistas dentro da sala de aula. A fala desses professores me recordou o que Campos (2002) citou Huyghe (1965) que vivemos em uma sociedade que impõe uma dualidade que devemos viver e fico me questionando: por que é tão difícil nos vermos múltiplos? Por que devemos diante do corpo-social ter um caminho unívoco? E por fim, por que é tão difícil nos perceber como um ser holístico?

E na quinta e última pergunta, questiono se: **“Na sua opinião, se você não fosse artista, como seria ser professor(a)?”** P1 explicou que: *“Eu acho que se eu não fosse artista o ser professor seria a professora que eu era antes de ser artista, era bem diferente, eu estava do lado de fora da caixa, né? Eu estava do lado de fora*

olhando para a arte e para os artistas, e depois de 2008 pra frente eu fui pra dentro da caixa, né? Eu me misturei e me sinto dentro do contexto e sinto mais facilidade para falar, mais abertura, e flui, flui muito melhor qualquer parágrafo, qualquer palavra, qualquer desenho, qualquer imagem, qualquer filme, ligada a qualquer linguagem...”

P3 afirmou: *“Não me vejo sendo outro tipo de profissional, pois percebo em minha longa caminhada a aquisição de saberes e fazeres muito potentes, seja na experiência no atelier, como em sala de aula, pois o contato com múltiplos olhares, opiniões, versões, me instigam a seguir nas minhas pesquisas, solitárias, porém respaldadas por diversos padrões e conceitos, reforçam a necessidade da busca de uma Arte que define, contemple e ressignifique a nossa realidade...”*

P2 conta: *“No meu ver se eu não fosse artista ser professora seria mais difícil. Pra mim, né?! No meu entender seria mais difícil por que eu estaria como se fosse do lado de fora do processo, eu acho que sendo artista você consegue compreender melhor todo o processo, se eu não fosse artista, se eu não tivesse minha produção eu talvez não conseguiria entender tão bem como lidar com o cotidiano da sala de aula, com as coisas que acontecem, com o processo mesmo de ensino e aprendizagem.”*

É muito interessante nas respostas dessa pergunta que ao mesmo tempo que os entrevistados têm dificuldade de se perceberem enquanto artista diante de seus alunos, percebem o quão fundamental e como contribui para sua prática de arte o fato de serem artistas. Lampert (2014, p. 5) enfatiza que o professor que se permite se olhar como artista “aproxima o conteúdo, e propicia experiências e tece conexões.”

Imagem 17 Fotografia da série “Corpocidade”



Fonte: Acervo da artista P1

Imagem 18 Visto Livre



Fonte: Acervo da artista P1

Imagem 19 Visto Livre



Fonte: Acervo da artista P1

Imagem 20 CÉU-TERRA



Fonte: Acervo da artista P2

Imagem 21 Fundação BADESC. “CÉU-TERRA”. Florianópolis.

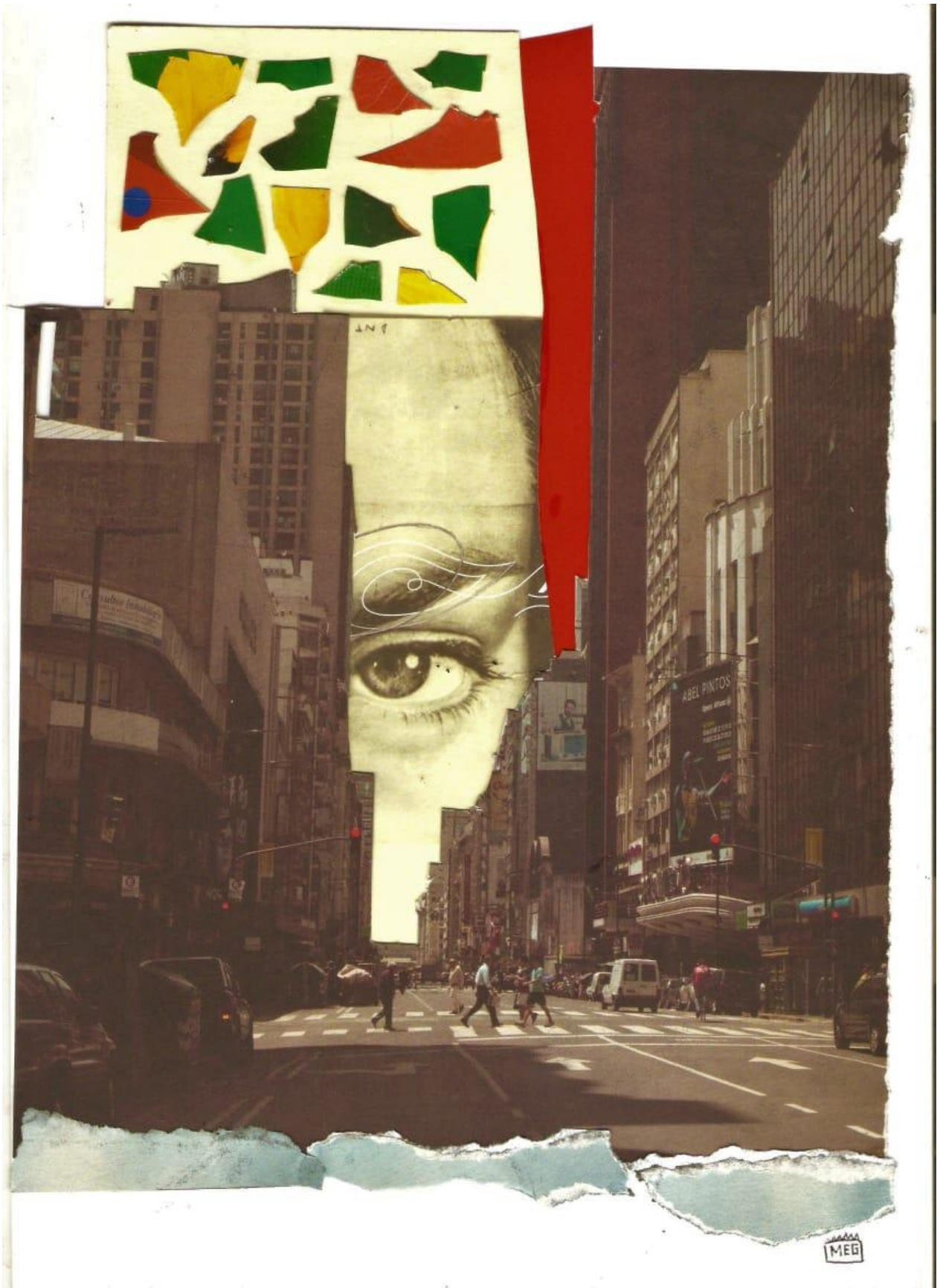


Fonte: Acervo da artista P2

Imagem 22 Barqueiros do Rio Jacuí



Fonte: Acervo do artista P3



6 CONEXÕES

6.1 EMENTA

Provocando e estimulando reflexões sobre ser artista-professor.

6.2 CARGA HORÁRIA

21 horas

6.3 PÚBLICO-ALVO

Artistas-professores(as) de Artes e professores(as) de Artes.

6.4 JUSTIFICATIVA

O seguinte projeto, pensa em proporcionar uma experiência entre artistas-professores de Arte e professores de Arte, uma troca, uma vivência e consequentemente, uma experiência estética. Sugiro pensar sobre a profissão como docente em Arte e a profissão Artista, como uni-las a fim de obter um bom proveito das duas partes profissionais. Por isso, convido Artistas-professores de Arte que são docentes que além da profissão em sala de aula atuam como artistas e professores de Artes que se dedicam apenas para a sala de aula.

Desse modo, coloco como prática oficinas de experimentações, pensando em espaços para experiências estéticas e sensíveis que visarão linguagens artísticas e processos de trabalhos de artistas-professores convidados e de artistas-artistas, bem como abrir uma conversa sobre o uso do *sketchbook* e como torna-lo um diário de criação, entre diálogos sobre como se dá o cotidiano de um artista-professor pensando em ressignificar a vivência escolar.

“Permite-se pensar sobre o espaço onde se produz, reflete e contextualiza a arte. Indo além, onde o professor pode permitir-se estudar sobre e com Arte, pensando nele como alguém que aproxima o conteúdo, propicia experiências e tece conexões.” (LAMPERT; NUNES, 2014 p.104)

Considero de grande importância o contato do professor de Artes que está em formação e do docente já formado em Arte para com as vivências artísticas. Enquanto professor e artista-professor, permitir experiências e quem sabe, práticas reais do processo de criação de um trabalho artístico. Espaços que propiciam tal vivência são

necessários, uma vez que o ateliê acaba se tornando o lugar que você decidir, carregando-o até no bolso.

6.5 OBJETIVOS

6.5.1 OBJETIVO GERAL

Possibilitar professores de Artes e artistas-professores de Artes a estabelecerem conexões sobre o fazer artístico.

6.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Perceber enquanto professor de Artes, a importância do fazer artístico;
- Refletir a respeito de possíveis abordagens para os processos artísticos;
- Participar de debate sobre artistas-professores de Artes e professores de Artes;

6.6 METODOLOGIA

Para os desdobramentos desse projeto, convidarei três artistas-professores de Artes e três professores de Artes de Criciúma e região para três encontros aos sábados da 13:00h da tarde até 19:00h da noite, com a finalidade da realização de oficinas e conversas na Sala Edi Balod localizada no interior da instituição UNESC. Serão realizadas práticas artísticas, visando as linguagens do desenho e da colagem pensando junto com os processos da utilização do *sketchbook*. Para cada dia uma experiência diferente juntamente com rodas de conversas ao final de cada atividade proposta.

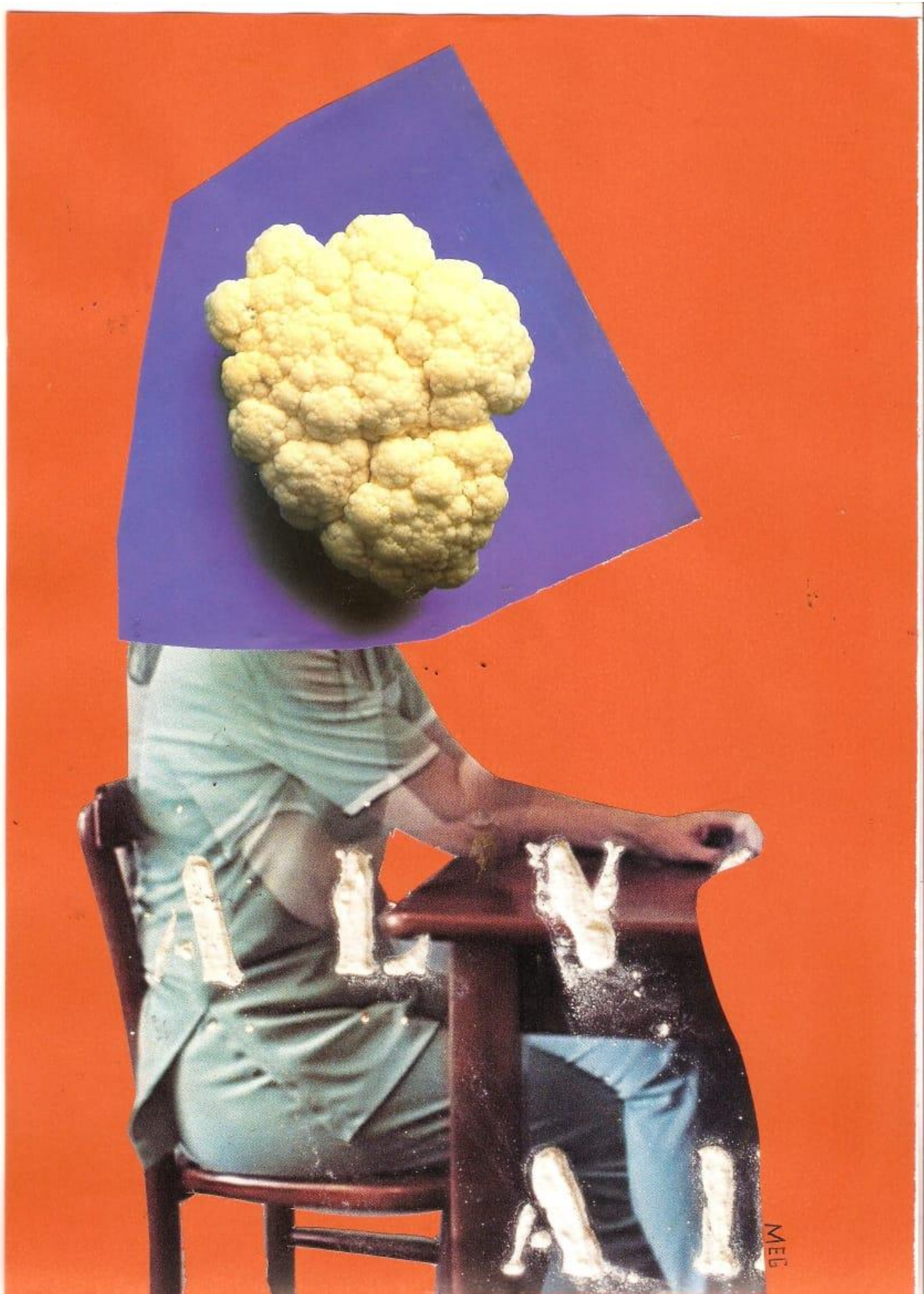
1º Encontro: Propor uma conversa sobre a trajetória de cada um, o que os levou à docência em Arte e como foi o desenrolar da graduação de cada um. Logo após, iniciar um debate sobre o fazer artístico enquanto professor de Artes. Em último momento, iniciaremos a oficina de desenho com continuidade no próximo encontro.

2º Encontro: Neste encontro conversaremos sobre o que cada um levou como reflexão do encontro passado sobre as conversas e o início da oficina que, daríamos continuidade neste encontro. Durante a conversa irei propor a continuação da oficina de desenho, contribuindo sobre a importância do uso do *sketchbook* nessa linguagem. Para finalizar, irei convidá-los para a socialização do que foi criado, entre desenhos e *sketchbooks*.

3º Encontro: No último encontro iniciarei lembrando os dois encontros anteriores, debatendo entre si o que andamos vivenciando, a fim de compreender o ponto de vista de cada um para com as práticas. Após, irei propor o começo da construção de colagens como prática no fazer artístico, bem como, apropriando-se do *sketchbook* como um suporte para essa prática. E para finalizar, convidarei todos para uma última socialização sobre seus processos e resultados, a fim de iniciar uma conversa visando a experiência particular de cada um e como os mesmos se relacionaram com os processos do fazer artístico enquanto professor de Artes.

6.7 REFERÊNCIA DO PROJETO

LAMPERT, Jocielle; Nunes, Carolina R. Entre a prática pedagógica e a prática artística: Reflexões sobre Arte e Arte Educação. **Revista Digital do LAV [en linea]** 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/14258> acesso em: 06 de out. de 2019.



7 O SOL

É difícil em tempos como estes: ideais, sonhos e esperanças permanecerem dentro de nós, sendo esmagados pela dura realidade. É um milagre eu não ter abandonado todos os meus ideais, eles parecem tão absurdos e impraticáveis. No entanto, eu me apego a eles, porque eu ainda acredito, apesar de tudo, que as pessoas são realmente boas de coração.

O Apanhador no Campo de Centeio

Considero aqui algumas reflexões que obtive ao decorrer dessa pesquisa, tratando-se de leituras, escritas e escutas. Pensando sobre os tempos atuais, que estamos presenciando, J.D. Salinger, mesmo que anos depois de sua escrita, ainda se faz muito presente com relação a nossa realidade. Tempos difíceis para ideias, sonhos e esperanças... tempos difíceis para se acreditar. Confesso que demorei para começar a dissertar minha pesquisa, para colocar no papel minhas ideias. Sentia receio, um certo temor e uma sensação de falta.

Considerei o fato de o tempo estar sendo difícil, que perambulei muito somente na ideia do pensar, depois de uns dias me pôs a iniciar minha escrita. Em meio a leituras e pesquisas, meu objetivo se deu em meio ao artista-professor, o ser artista-professora de Arte. Ao analisar meus questionamentos que carregavam dúvidas sobre a importância de um artista-professor em sala de aula, busquei por meio de pesquisas bibliográficas e de campo através de entrevistas com artistas-professores(as) sinto que meu propósito foi atingido. Digo, não de forma exata, mas sim para a reflexão.

Por meio de conversas foi percebido que, ser artista-professor em sala de aula enriquece de forma construtiva o repertório do aluno e do próprio professor. A pesquisa de campo tornou-se fundamental para o desdobrar desta investigação, fator que possibilitou perceber na fala de artistas-professores a relevância sobre o ser artista e o ser professor em um só, conversando acerca do sujeito em cotidiano escolar em contato com experiências e vivências artísticas.

Para mim, todo trajeto que percorri para a finalidade desta pesquisa, mesmo que sem intenções, me possibilitou a construção de um novo olhar para com a pesquisa, para a escrita e para o processo. Quando digo processo, quero dizer etapas,

esperas, como essas que tive durante meu caminho de escrita, só que agora percebo o quão importante foram para a construção do referido trabalho.

Conclui múltiplos. Destes múltiplos, não conclui com exatidão. Conclui que um artista-professor se colocando em meio a reflexões sobre seu papel enquanto docente em um plano escolar, torna-se relevante a ponto de mudanças sociais, a ponto de possibilitar experiências únicas para o espaço-social, sendo esse o escolar. Levando em consideração minha pesquisa, minhas leituras e meu contato com artistas-professores, contribuíram assim, com que adquirisse mais uma bagagem, carregando comigo para minhas futuras vivências e experiências em (com) ser artista-professor, pensando em mim enquanto sujeito que possa contribuir para mudanças sociais



8 OBJETOS DE USO

Livros

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte.** São Paulo: Cortez Editora, 2002. 252 p.

CAMPOS, Neide Pelaez de. **A construção do olhar estético-crítico do educador.** Florianópolis: Editora da Ufsc, 2002. 177 p.

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira.** São Paulo: Editora Olho D'Água, 1995. 120 p.

LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia Paulo Leminski.** São Paulo: Companhia da Letras, 2013. 424 p.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1978. 192 p.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990. 290 p.

SALINGER, J.d.. **O Apanhador no Campo de Centeio.** 19. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 2016. 277 p.

Sites

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em: 14 de out. 2019.

CURI, Fernanda. **Ricardo Basbaum, um artista-etc:** Pesquisadora Fernanda Curi retoma os conceitos de artista-etc., o Olho, NBP e outros projetos do participante da 30ª Bienal, Ricardo Basbaum. 2012. Disponível em: <http://www.bienal.org.br/post/551> Acesso em: 02 de out. 2019.

LAMPERT, Jocielle; Nunes, Carolina R. Entre a prática pedagógica e a prática artística: Reflexões sobre Arte e Arte Educação. **Revista Digital do LAV [en linea]** 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/14258> acesso em: 06 de out. de 2019.

MELENDI, Maria Angélica. **Lygia Clark: texto e imagem.** 2012. Disponível em: <https://estrategiasarte.net.br/papeis-avulsos/lygia-clark-texto-imagem> Acesso em: 16 de out. 2019.

WREGE, Raquel Casanova dos Santos; SILVA, Ursula Rosa da. FORMAÇÃO DO DOCENTE DE ARTES VISUAIS: PROFESSOR/ARTISTA/PROPOSITOR. **Revista Seminário de História da Arte**, Pelotas, v. 01, n. 07, p.01-20, 2018.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/viewFile/13526/8304>

Acesso em: 10 de out. 2019.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

Questões propostas para professores artistas:

1. Como você define a sua trajetória na arte, você era um(a) artista que se tornou professor(a) ou um(a) professor(a) que se tornou artista?
2. O seu cotidiano escolar influencia de certa forma as suas produções?
3. O fato de você ser um(a) artista contribui no seu “ser” professor(a)?
4. Seus alunos sabem que você é artista?
5. Na sua opinião, se você não fosse artista, como seria ser professor(a)?

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
FICHA DOS EXAMINADORES

1- INSTRUÇÕES PARA A AVALIAÇÃO:

A avaliação do trabalho seguirá os critérios conforme as tabelas abaixo:

APROVAÇÃO	IGUAL OU SUPERIOR A 6,0
APROVAÇÃO MEDIANTE REFORMULAÇÕES	DE 6,0 A 5,0
REPROVAÇÃO	IGUAL OU INFERIOR A 4,9

2- ETAPAS PARA AVALIAÇÃO:

ETAPA 1 - PRODUÇÃO TEXTUAL= 10,0		
Esta nota será dada pelos dois professores que compõe a banca		
O título está relacionado com a ideia principal e a introdução é clara e articulada ao trabalho	0,0 a 1,0	
A apresentação do problema/questão e dos objetivos da pesquisa estão explicitados	0,0 a 1,0	
Ortografia, concordância verbal e estruturação de frases	0,0 a 1,0	
A fundamentação teórica é coerente e suficiente para o tema	0,0 a 1,0	
A apresentação do texto e as citações estão conforme as normas da ABNT e a bibliografia citada consta das referências	0,0 a 1,0	
A bibliografia é abrangente, atualizada, qualificada academicamente.	0,0 a 1,0	
A metodologia utilizada está explicitada e apropriada para a abordagem do problema	0,0 a 1,0	
A conclusão é coerente com os objetivos	0,0 a 1,0	
Consistência e viabilidade do Projeto de Curso	0,0 a 1,0	
Apresenta autoria, sugestões e propostas	0,0 a 1,0	
		TOTAL
ETAPA 2 e 3 - APRESENTAÇÃO ORAL e SUSTENTAÇÃO PERANTE A BANCA = 10,0 pontos		
Apresentou de forma clara e objetiva	0,0 a 1,0 -	
Apresentou domínio do tema e capacidade de síntese	0,0 a 2,0 -	
Apresentou coerência com o trabalho escrito	0,0 a 2,0 -	
Compreendeu e respondeu objetivamente as arguições	0,0 a 2,5	
Demonstrou capacidade de argumentação na sustentação perante a banca	0,0 a 2,5	
		TOTAL

Assinatura do examinador
